

memórias da literatura infantil e juvenil

edição do educador



ilustrações de Gian Calvi

memórias
da literatura
infantil e juvenil
edição do educador





memórias da literatura infantil e juvenil

edição do educador

Realização:



Patrocínio:



Apresentação

Caro Educador,

A publicação que você tem em mãos traz ideias e reflexões sobre o acervo do Projeto Memórias da Literatura Infantil e Juvenil, realizado pelo Museu da Pessoa.

Este projeto entrevistou 40 pessoas relacionadas à história recente da literatura infantil e juvenil brasileira (a partir da “geração heroica” da década de 1970). Além de autores, foram ouvidos ilustradores, editores e críticos que, de alguma forma, fazem parte da produção literária do país dirigida a crianças e jovens.

Sabendo que a literatura infanto-juvenil faz parte de seu trabalho, seja ele exercido em escolas, bibliotecas, hospitais ou outras instituições, o que queremos proporcionar com este material é uma aproximação diferenciada do tema.

Ao lermos a trajetória profissional e a história de vida de pessoas que fizeram e ainda fazem a literatura infanto-juvenil, também conhecemos e podemos refletir sobre aspectos importantes, ligados à própria história desse tipo de literatura, a partir da década de 1970, e aos assuntos que dizem respeito a questões que envolvem a leitura e a literatura: a função da literatura como arte, o papel da ilustração, os processos de escrita e criação literária, a importância de um ambiente leitor na formação da criança, as relações dos escritores e suas obras.

Esta publicação tem como objetivo apresentar e discutir caminhos para a prática educativa, visando inserir e utilizar as histórias de vida como parte do trabalho com a literatura e a formação de leitores. Nos capítulos que se seguem, propomos constantemente conversas e desdobramentos para o trabalho, dicas de depoimentos e trechos de histórias de vida que dialoguem com o conteúdo do capítulo que estiver sendo visto.

Em meio a esses trechos, você também encontrará fragmentos de depoimentos dos participantes das oficinas realizadas pelo Museu da Pessoa em 2008, educadores com experiências variadas. As oficinas visaram à apresentação do projeto, do trabalho com a memória e suas relações com a literatura, bem como o uso do acervo do Projeto Memórias da Literatura Infantil e Juvenil.

Ao longo da publicação, também propomos um diálogo direto com o site do projeto, tanto no que diz respeito à exploração das várias histórias e temas presentes nas entrevistas lá disponíveis, quanto à troca entre educadores, que podem refletir sobre a prática e compartilhar o que têm feito com a sua turma, no espaço do Fórum, dentro da “Roda de Ideias” do site.

Utilizando-nos do acervo das histórias de vida e propondo interlocuções diretas com a prática educativa, esperamos contribuir para o trabalho de formação de leitores, crucial para o exercício da cidadania e o conhecimento do mundo em que vivemos.

Prefácio

Está bem que vivemos em tempos de mudanças surpreendentes. Está bem que a imagem e o som ganham uma presença inusitada a cada dia em nosso cotidiano, inflacionando o ar e a vista. Está bem que a notícia surge, repentina, de qualquer parte do mundo, tomando-nos de surpresa. Tudo isso é isso mesmo. Mas não me digam que, já que é assim, a intimidade, o recolhimento e a reflexão desaparecem.

Há ainda o lugar da existência, e a literatura está aí.

Será?

Sim. A literatura sobrevive e sobre-existe a estes tempos velozes. Refletindo sobre o sentido da literatura num mundo em que se vê uma “chuva ininterrupta de imagens”, Italo Calvino encontrava como única defesa ao mal-estar advindo desta inflação informativa “uma ideia de literatura”. O fabulista italiano compreendia, agudamente, que “a literatura jamais teria existido se uma boa parte dos seres humanos não fosse inclinada a uma forte introversão, a um descontentamento com o mundo tal como ele é, a um esquecer-se das horas e dos dias, fixando o olhar sobre a imobilidade das palavras mudas” (*Seis Propostas para o Próximo Milênio*).

Esta a razão maior da literatura: opor, ao mundo instável e fantasmagórico do agir imediato que surge na vertigem moderna, um espaço de recolhimento e de autoconhecimento, de indagação da existência. Umberto Eco, na mesma trilha, reconhecendo a importância e o sentido da literatura para a realização da vida, dirá que uma de suas principais funções seria “a educação para o fado e para a morte” (*A Literatura contra o Efêmero*).

Em Memória da Literatura Infantil e Juvenil, este gentil projeto que realiza o Museu da Pessoa, coletando e organizando histórias de vida de escritores, ilustradores, editores e críticos dessa modalidade do fazer literário, encontramos a possibilidade de vivenciar a arte num espaço em que, sem negar, ultrapassa a dimensão do lúdico. Isto porque

reconhece que a literatura infantil e juvenil tem como essência, pelas palavras e pelas imagens, pôr em evidência as fantasias, as indagações, os mistérios que realizam (e são realizados por) infâncias e crianças.

Assumindo a face anônima de quem é simultaneamente pessoa e personagem (de si e do mundo) na figura de autor, o trabalho de registro das histórias dos fazedores de história projeta, para além da face aparente do espaço público (em que cada um ocupa um lugar de representação), a forma e a matéria íntima de suas existências, de suas presenças materiais, corpóreas, viventes. E isto nos permite admirar o tempo do ser, o tempo do fazer e o tempo do representar como dimensões complementares da criação mesma da arte.

Pois, então, é isso o que se encontra neste projeto: um mundão de histórias, de infância e de criação, de quem um dia foi criança e agora trata de criar arte para criança. São narrativas em que se delineiam experiências e fantasias que os fazedores de histórias infantis e juvenis tiveram e têm para dizer, suas memórias queridas, felizes e doloridas.

E este livro que se apresenta, o que é? Mais histórias? Sim, se pensarmos em nossa fabulosa capacidade de fabular e contar. Mas é mais que isso: é um desafio e um roteiro de possibilidades de ler as histórias dos fazedores de história, já não como ilustres autores, mas como gente comum, gente que, como todos nós, tem sua história qualquer e única de ser e viver.

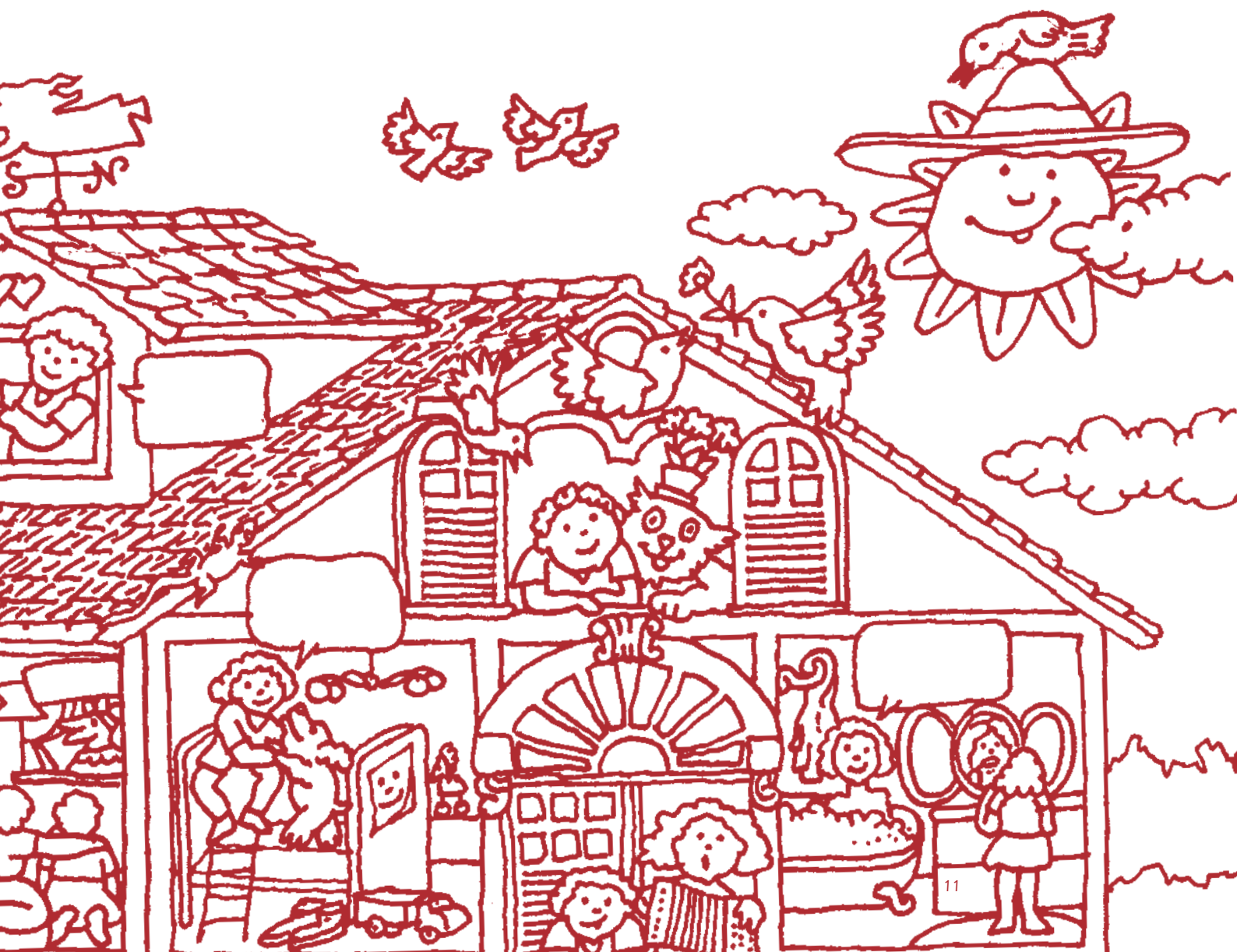
Desta forma, desmistificando o fazer literário (mas sempre o considerando um gesto produtor de espanto e de indagação vitais), reafirmamos a possibilidade de, pela experiência estética, compreender a vida e o mundo e, assim, compreender-se nele e nela.

Luiz Percival Leme Brito

Sumário

- 13
Capítulo 1 | Histórias de pessoas
- 39
Capítulo 2 | Caminhos da leitura
- 55
Capítulo 3 | Literatura infanto-juvenil e arte
- 73
Capítulo 4 | Memória e ficção
- 85
Bibliografia
- 89
Créditos







capítulo 1

Histórias de pessoas

“É difícil ser uma pessoa, é difícil alcançar o direito de dizer ‘Eu sou alguém’. Mas você é alguém por que você nasceu? Por que você mamou no seio da mãe? Alimentou-se, cresceu e morreu, ou você deixou alguma coisa? O fato de você ter chegado nesse lugar chamado vida vai deixar alguma coisa para os outros. Nesse momento é muito orgulho você dizer ‘Pedro, você é uma pessoa’. Obrigado por me considerar alguém.”

Pedro Bandeira

De quais histórias trata o Museu da Pessoa? Quais as memórias que a história oral revela? Registrar e legitimar as experiências de vida de todas as pessoas, dando atenção e valor aos diferentes discursos e às diversas formas de narrar a própria vida: essa é a proposta do Museu da Pessoa. Ao trazer à tona relatos de pessoas anônimas, reconhecemos cada indivíduo como ator social e suas experiências cotidianas como fundamentais na construção da história. Nesse sentido, todos os personagens, todas as narrativas de vida e todas as experiências relatadas têm a mesma importância. Todos os pontos de vista, cada aspecto destacado pelas pessoas mais diversas, formam um painel multifacetado de uma época, de um lugar e dos diferentes movimentos da sociedade.

E no Projeto Memórias da Literatura Infantil e Juvenil, quem são os entrevistados?

Autores, ilustradores, editores e críticos envolvidos com a criação, produção, divulgação e análise de obras literárias voltadas para crianças e jovens. A proposta é partir do registro das histórias de vida das pessoas que fizeram e fazem a literatura infanto-juvenil no Brasil para produzir conhecimento sobre esse gênero literário, para além dos marcos e eventos fundamentais da história oficial. Como iniciativa de uma instituição voltada para o registro e a valorização da história oral, o trabalho é baseado na certeza de que a voz dessas pessoas permite criar um painel histórico de conteúdo inédito e de interesse público sobre o universo literário brasileiro.

Pessoas comuns ou personagens?

O Museu da Pessoa acredita e defende que toda pessoa tem uma história para contar. A maior parte de seu acervo é composta por memórias de anônimos, com trajetórias de vida que muito provavelmente permaneceriam ocultas e jamais constariam dos documentos institucionais que servem de fonte para a história oficial. Mas o Projeto Memórias da Literatura Infantil e Juvenil não trabalha com anônimos. A maioria dos entrevistados é formada por pessoas públicas, conhecidas dos leitores, presentes nos meios de comunicação divulgando seu trabalho literário e, algumas vezes, até relatando trechos de suas histórias de vida. No entanto, estamos acostumados a ouvi-las e pensar sobre os protagonistas da literatura infanto-juvenil como formadores de opinião e de leitores,

como promotores de leitura. Papéis importantes, mas que nem sempre revelam toda a complexidade da narrativa de uma vida, os fragmentos da memória que marcam a trajetória de cada um, as idiossincrasias e particularidades da existência, enfim, as histórias pessoais em toda sua singularidade.

Ler histórias, conhecer pessoas

Nossa proposta é a de uma aproximação peculiar dos escritores, ilustradores, críticos e editores que, ao falarem sobre suas próprias vidas, apresentam enredos que muitas vezes não estão nos livros que produzem. São histórias nem sempre conhecidas ou registradas em livros, sites e biografias, mas que revelam o encontro da vida com a literatura.

É assim, ouvindo e lendo narrativas pessoais, que podemos nos aproximar das memórias de quem viveu e vive a literatura infanto-juvenil. Pessoas que certamente têm muita história para contar, como Ruth Rocha, Sérgio Capparelli, Mary França, Pedro Bandeira, Tatiana Belinky, entre outros. Pessoas cuja infância foi marcada por acontecimentos muito próprios e que desenvolveram um olhar particular para o mundo. Pessoas, não personagens.

Figura e fundo: uma possível ilustração

Alguns autores e suas histórias de vida – Trajetórias em diferentes discursos

Neste capítulo, você e seus alunos conhecerão um pouco mais sobre os escritores Ruth Rocha e Sérgio Capparelli a partir de dois tipos de discurso – a fala do próprio autor e alguns textos publicados na mídia. Perceba as nuances e diferenças de abordagem de cada tipo de texto. As pequenas biografias dos escritores encontradas nos sites de editoras, jornais e revistas, por exemplo, enfatizam a carreira do autor na literatura infanto-juvenil, os prêmios recebidos e os livros publicados. Nesses casos, a literatura infanto-juvenil é figura e a história pessoal do autor surge como fundo. Já nos relatos de história de vida, estimulados a partir de entrevistas, a situação se inverte: a vida de cada um, em toda sua singularidade, surge como figura e a literatura infanto-juvenil, fundo. Na entrevista, o percurso do autor na literatura aparece entremeado a cenas e episódios da vida, aos cenários e percepções descritos por cada um.

Quem é Ruth?

I. A biografia da autora e uma história de sua infância

Autora de sucessos como *Marcelo*, *Marmelo*, *Martelo* e *O Reizinho Mandão*, entre tantos outros, Ruth Rocha aparece constantemente na mídia e é lembrada com frequência quando falamos de literatura infanto-juvenil. Mas o que sabemos dela? Quais histórias sobre Ruth Rocha conhecemos? Para responder a essas questões, propomos um exercício rápido: a busca de informações sobre a autora e sua biografia em sites de literatura e editoras.

O texto abaixo foi publicado no site oficial da autora, hospedado no provedor UOL (<http://www2.uol.com.br/ruthrocha/historiadaruth.htm>):

OBSERVE

Além das histórias de Ruth Rocha e Sérgio Capparelli, você também conhecerá trechos da vida de Pedro Bandeira, Marina Colasanti, Luciana Sandroni, Lia Zatz, entre outros.

Ruth Rocha nasceu em 1931, na cidade de São Paulo. Filha dos cariocas Álvaro de Faria Machado, médico, e Esther de Sampaio Machado, tem quatro irmãos, Rilda, Álvaro, Eliana e Alexandre. Teve uma infância alegre e repleta de livros e gibis. O bairro de Vila Mariana, onde morava, tinha nessa época muitas chácaras por onde Ruth passava, a caminho da escola – estudava no Colégio Bandeirantes. Mais tarde, terminou o Ensino Médio no Colégio Rio Branco.

É graduada em Sociologia e Política pela Universidade de São Paulo e pós-graduada em Orientação Educacional pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Casada com Eduardo Rocha, tem uma filha, Mariana, e dois netos, Miguel e Pedro.

Durante 15 anos (de 1956 a 1972) foi orientadora educacional do Colégio Rio Branco, onde pôde conviver com os conflitos e as difíceis vivências infantis e com as mudanças do seu tempo. A liberação da mulher, as questões afetivas e de autoestima foram sedimentando-se em sua formação.

Começou a escrever em 1967, para a revista Claudia, artigos sobre educação. Participou da criação da revista Recreio, da Editora Abril, em que teve suas primeiras histórias publicadas, a partir de 1969. “Romeu e Julieta”, “Meu Amigo Ventinho”, “Catapimba e Sua Turma”, “O Dono da Bola”, “Teresinha e Gabriela” estão entre seus primeiros textos de ficção. Ainda na Abril, foi editora, redatora e diretora da Divisão de Infanto-Juvenis.

Publicou seu primeiro livro, Palavras, muitas Palavras, em 1976, e desde então já teve mais de 130 títulos publicados, entre livros de ficção, didáticos, paradidáticos e um dicionário. As histórias de Ruth Rocha estão espalhadas pelo mundo, traduzidas em mais de 25 idiomas.

Monteiro Lobato foi sua grande influência. Em sua obra, essa influência se traduz pelo seu interesse nos problemas sociais e políticos, na sua tendência ao humor e nas suas posições feministas.

Seu livro de forte conteúdo crítico Uma História de Rabos Presos foi lançado em 1989, no Congresso Nacional, em Brasília, com a presença de grande número de parlamentares. Em 1988 e 1990, lançou na sede da Organização das Nações Unidas, em Nova York, seus livros Declaração Universal dos Direitos Humanos para Crianças e Azul e Lindo Planeta Terra, Nossa Casa.

Participou, durante seis anos, do programa de televisão “Gazeta Meio-Dia”, como membro fixo da mesa de debates.

Em 1998 foi condecorada pelo presidente Fernando Henrique Cardoso com a Comenda da Ordem do Mérito Cultural do Ministério da Cultura.

Ganhou os mais importantes prêmios brasileiros destinados à literatura infantil: da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, da Câmara Brasileira do Livro, cinco Prêmios Jabuti, da Associação Paulista de Críticos de Arte e da Academia Brasileira de Letras, Prêmio João de Barro, da Prefeitura de Belo Horizonte, entre outros.

Seu livro mais conhecido é Marcelo, Marmelo, Martelo, que já vendeu mais de 1 milhão de cópias.

Em 2002 ganhou o Prêmio Moinho Santista de Literatura Infantil, da Fundação Bunge. Também nesse ano foi escolhida como membro do Pen Club – Associação Mundial de Escritores no Rio de Janeiro.

Atualmente é membro do Conselho Curador da Fundação Padre Anchieta.

OBSERVE

Uma infância repleta de livros: esse é um dado que costumamos enfatizar ou buscar saber quando ouvimos um escritor falar sobre seu passado. A mídia também costuma chamar nossa atenção para isso, até como forma de promover a leitura e mostrar sua importância. Ter uma infância cheia de livros é comum, mas nem sempre é regra entre escritores. Mas vamos sair dessa equação bastante conhecida? Ao ler a narrativa dos escritores, procure saber como os livros estavam presentes em sua vida e que tipo de relação eles tinham com a leitura. Isso poderá ajudar você a entender o fazer literário de um autor ou autora.

Esse texto nos traz informações sobre a biografia de Ruth Rocha, com ênfase clara em sua carreira de escritora, seu trajeto profissional, suas influências na literatura, prêmios e livros. Mas o que descobrimos sobre sua história de vida? Em geral, esse tipo de texto reúne boas informações sobre o autor, seu papel na literatura infanto-juvenil e as visões que a mídia tem sobre ele. Por meio da história oral, adquirimos um conhecimento diferente: sobre a pessoa e sua vida.

Veja agora um trecho do depoimento de Ruth ao Projeto Memórias da Literatura Infantil e Juvenil, no qual ela conta uma passagem de sua infância que influenciou seu olhar para o mundo.

OBSERVE

Na biografia da autora, está claro que ela teve uma relação forte com os livros na infância, mas veja como saber desse detalhe, de sua mãe ajeitando-a e dando um livro para ler, aproxima mais o leitor do significado e do lugar que a leitura pode ter tido para Ruth.

“(...)Aí eu comecei a ter asma, comecei a ficar gripada; cada vez que eu ia pra escola, ficava gripada. Voltava pra casa, minha mãe me tratava, eu voltava pra escola, pegava gripe outra vez e comecei a ter asma. Tive asma quando eu tinha três anos e até os 11 anos eu sofri de asma bastante grave. Bastante grave nada, nunca fui pro hospital, nunca precisei [de] remédio mais forte, mas tinha asma. Eu acho que essa asma me deu uma capacidade de ficar sozinha e de pensar nas coisas. Acho que fiquei muito paciente. Eu sou uma pessoa muito paciente. Eu tenho uma capacidade de esperar as coisas, acho que até uma capacidade de compreender quase tudo, porque esse tempo de doença foi um tempo – imagina pra uma criança pequena – muito sofrido, mas eu lembro das minhas doenças com muito carinho. Minha mãe era uma pessoa muito especial, muito carinhosa; minha mãe amava criança; ela teve cinco filhos, mas ela amava os sobrinhos. Os sobrinhos vinham do Rio, passavam férias aqui. Ela fazia roupa pra eles, fazia festa de aniversário, levava pra passear. Tinha um sobrinho do meu pai que era mais velho; ela fez o meu pai ensiná-lo a guiar automóvel. Ela era muito boa tia, boa mãe, boa avó, e ela me tratou com muito carinho. Eu me lembro dessa doença e do carinho dela. Ela me ajeitava e me dava um livro pra ler, catava lâmpada pra eu ler, botava rádio pra eu ouvir. Eu ouvia, quando eu era bem pequenininha, ou não tão pequenininha, talvez mais velha, eu ouvia o ‘Cassino do Chacrinha’, que ele fazia no rádio. Tudo isso que ele fazia na televisão depois, ele fazia no rádio. Ele ficava: ‘Terezinha! Terezinha!’ [risos], eu achava muita graça, e era de madrugada.

OBSERVE

Veja como conhecer uma história de vida pode permitir outro enfoque, uma aproximação diversa do personagem que conhecemos como escritor. Ruth, por exemplo, conta sobre uma certa época de sua infância, em que ficava muito em casa, de cama, convalescendo de asma. E, em algum aspecto, ela nos conta como esse período foi importante para a construção de sua identidade, para o desenvolvimento de uma atitude de espera, de observação da vida e do movimento do mundo, aspectos que podemos considerar como muito caros ao escritor, cujo trabalho é alimentado e fortemente enriquecido pela observação.

P – Era de madrugada?

R – De madrugada. Eu ficava ouvindo rádio, ficava lendo; minha mãe me trazia uns chocolates, me trazia umas coisas boas, e eu ficava calma, embora estivesse doente, de cama. Eu ouvia o relógio bater embaixo; ele batia, tinha a música do Big Ben, fazia babababaaa-babababaaa, a noite inteira, de 15 em 15 minutos, ele tocava. Eu acompanhava aquilo. Eu já estou falando da casa da Morgado Matheus, lá embaixo. Eu ouvia o trem, o bonde que descia com barulho de trem: tchatchatchatcha, daí um tempo ouvia: tchatchatchatcha. É até uma coisa engraçada, que não me traz angústia. Eu devia ter uma angústia com isso e não tenho, eu tenho uma lembrança. Eu lembro quando amanhecia – geralmente, quando estava doente, eu não conseguia dormir; acho que os remédios pra asma me deixavam acordada e eu só dormia quando cantava o primeiro galo. Aí o galo cantava, eu ouvia longe, os galos vão respondendo: um galo, outro galo, outro galo e vai embora. Aí outra vez: um galo, outro galo, outro galo. Eu sempre pensava na volta que o canto do galo dá; ele dava uma volta no mundo e começava de novo. É uma lembrança bonita que eu tenho, não é uma lembrança triste.

VEJA MAIS NO SITE

Quer conhecer o que outra escritora disse sobre o momento em que começou a ler para valer? Leia a entrevista de Lia Zatz no site e atente para esta fala: “Agora, eu lembro do momento em que fiquei viciada, que foi quando eu tinha mais ou menos 15 anos. Eu fui operada e fiquei uma semana sem conseguir falar. Minha mãe me encheu de livros.”



OBSERVE

A partir dessa fala da autora, podemos entender que a relação de Ruth com a leitura está bastante conectada com esse momento de maior introspecção e solidão. Nesse sentido, a leitura talvez tenha pautado um aspecto importante de sua relação com o mundo.

P – As recomendações por causa da asma eram o quê? Ficar na cama?

R – Ficava na cama, tinha muita falta de ar, não ia à escola, tinha que tomar uns remédios; tinha umas coisas chatas, antigas, que hoje não se faz mais com criança, e se fazia. Minha avó, quando chegava na minha casa, punha uns cataplasmas que eram um horror, me queimavam, mas ela me tratava também. Todo mundo me tratava [risos], todo mundo vivia me tratando. E, quando eu ficava boa, estava ótima, eu saía, brincava, fazia tudo; quando ficava doente, ficava assim quietinha. Mas eu gostava muito de ler. Comecei a ler muito cedo (...).”

II. O trajeto profissional

Muitas vezes, ao pensarmos sobre o percurso profissional de um autor consagrado, alimentamos a ilusão de que as coisas aconteceram de maneira linear ou planejada; ou, então, temos aquela visão de que tudo “estava previsto, escrito nas estrelas”. Mas o contato com a narrativa do autor sobre si mesmo nos permite conhecer sua trajetória na literatura e na vida e perceber como o caminho foi traçado a partir de gostos, talentos, facilidades pessoais e do contexto em que o autor viveu.

Ao falar de seu caminho como escritora, Ruth Rocha, por exemplo, fala também das pessoas que foram importantes ao longo de seu trabalho e dos aspectos circunstanciais e até mercadológicos que a levaram a escrever.

Seguindo a mesma metodologia de trabalho, cotejando a visão “oficial” e a história de vida, propomos uma comparação entre um texto do site de uma editora que publicou alguns livros da autora e uma fala de Ruth sobre o início de sua vida como escritora.

O informe da editora Companhia das Letrinhas dá ênfase a alguns dos trabalhos que Ruth Rocha realizou antes de se tornar escritora e de publicar seu primeiro livro. Vejamos:

Nasceu em São Paulo, em 1931. Em 1952, formou-se na Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Foi orientadora educacional e pedagógica, editora e redatora de revistas, consultora editorial e comentarista política na televisão, entre outras profissões.

Ruth Rocha escreveu sua primeira história infantil, “Romeu e Julieta, a Borboleta”, em 1969. Palavras, muitas Palavras, de 1976, foi seu primeiro livro publicado. Desde então, não parou de escrever livros, muitos livros: em 2002, a sua obra reunia mais de 130 títulos. O Reizinho Mandão, Marcelo, Marmelo, Martelo, entre outros, conquistaram milhões de leitores, além de vários prêmios de literatura infanto-juvenil. Pela Companhia das Letrinhas, escreveu Ruth Rocha Conta a Odisséia, que recebeu, em 2000, o Prêmio Figueiredo Pimentel/ Melhor Livro de Reconto e o selo Altamente Recomendável, ambos da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ).

Trecho extraído do site da editora: <http://www.companhiadasletras.com.br/>

Agora, a autora nos conta sobre seu trajeto:

“Eu comecei a escrever quando já tinha 36 anos, talvez; comecei a escrever para a revista Claudia, artigos sobre educação. O diretor da Claudia, que era o Caloca Fernandes, era muito meu amigo e eu contava – eu era orientadora já – os casos de orientação, como eu fazia, o que eu tinha estudado, o que eu tinha achado, e ele gostava muito. Então, pediu pra eu escrever. E eu escrevi três anos pra eles. Quando eu estava escrevendo, começou a revista Recreio, –, e eles me chamaram pra ser orientadora pedagógica da revista. Fui orientadora a partir do número dois. Na verdade, o projeto da revista Recreio, as pessoas falam que é meu, mas não é; o projeto da revista Recreio é da Sonia Robatto, que é baiana e hoje mora na Bahia A Sonia Robatto e o Valdir Gaiara, que era ilustrador, os dois se juntaram e fizeram um projeto. Esse projeto incluía umas tirinhas; eles queriam fazer alguma coisa que fosse educativa e me chamaram pra isso. Então eu comecei a fazer exercícios que não pareciam exercícios, pareciam brincadeiras. Eu estava estudando nessa ocasião a tese da Ana Maria Poppovic, que foi uma psicóloga, não sei se você lembra, foi atropelada lá no Sumaré, a mãe da Sílvia. E ela tinha uma tese de doutoramento que era sobre a maturidade neurológica na alfabetização. Eu peguei essa tese e apliquei

DICA

Preste atenção a como essas informações aparecem na fala de Ruth.

no Rio Branco; no jardim de infância do Rio Branco, eu comecei a desenvolver aquelas qualidades pra alfabetização. Eram atividades lúdicas, engraçadas, tudo com figurinha, bonitinhas, pras crianças de jardim. E, quando me chamaram pra fazer a Recreio, eu comecei a fazer essas coisas. Mas aí a Sonia Robatto escreveu, parece, oito histórias seguidas pra Recreio, porque ela não achava gente que escrevesse. A Sonia Robatto foi muito importante, porque ela estava atrás de um texto que só ela sabia qual era, na cabeça dela. Tanto que ela me achou e me fez escrever pra ela; achou a Ana Maria Machado, fez a Ana Maria escrever pra ela; achou o Joel Rufino dos Santos, fez o Joel escrever pra ela. No mesmo ano, ela publicou histórias de nós três. Nós escrevemos por muitos anos pra Recreio, porque ela estava atrás de um texto mais cotidiano, sabe? Histórias mais do cotidiano, histórias mais dos problemas infantis mesmo, sem moralismo, mas que tivessem uma certa base. Ela começou a me pedir pra escrever uma história, e eu falava pra ela: 'Não sei escrever história.' 'Você vai escrever, você vai escrever. Você conta uma história pra sua filha...' E eu contava pra minha filha uma história que era 'Romeu e Julieta, a borboleta', que eram

OBSERVE

Assim como o trecho da editora, Ruth Rocha também fala sobre a sua trajetória, sobre os diferentes trabalhos que teve. No entanto, a fala da autora nos oferece nuances que o texto formal não consegue abarcar: o convite do amigo e de Sonia Robatto e a insistência do outro para algo que a própria Ruth não acreditava saber fazer. Nesse sentido, conhecer essa parte de sua história pode nos ajudar a desmistificar a ideia comum de um caminho inevitável ou predestinado na literatura

duas borboletas, uma azul e uma amarela, que não podiam viver juntas porque tinham cores diferentes. Essa história, eu contava isso pra ela, ela me ouvia contar, porque nós éramos muito amigas, andávamos muito juntas. E um dia eu fui pra casa dela – eu vou contar isso porque isso é um caso engraçado. Eu estava na casa dela num domingo; nós tínhamos chácara perto, lá na Granja Viana. Ela tinha uma chácara e, na chácara dela, tinha piscina. Nós éramos muito amigas, viajávamos juntas e tudo, e nós íamos nadar domingo lá. Botei meu maiô, botei minha saída e fui pra casa dela. Ela me botou na sala: 'Não, senhora, a senhora não vai pra piscina, não! Você vai escrever uma história. Está aqui a máquina, estão aqui as laudas. Escreve uma história aí. Escreve aquela história!' Eu sentei lá – eu sempre conto nas escolas isso, porque eles morrem de rir –, era andar térreo, se eu quisesse, saía pela janela; ela me trancou e eu achei graça e comecei a escrever. Ela também voltou, conversou comigo sobre a história, me animou e eu acabei de escrever. Eles gostaram, publicaram, pediram outra, pediram outra, pediram outra, até hoje estou escrevendo. Eu tinha 39 anos quando comecei.

DICAS

No site do projeto, consulte a “Linha do tempo dos autores” e procure pelos marcos relacionados à autora. Procure estabelecer uma relação entre os marcos pessoais e a história da literatura infanto-juvenil. O que você percebeu? Que relações você descobriu?

(Leia também na página 71).

OBSERVE

Como Ruth Rocha começou a escrever? A escrita é uma necessidade? Um talento? Uma busca ou tentativa de falar sobre o que sente ou vê? Muitas vezes, a carreira de um escritor começa muito mais pela necessidade do outro, pela premência do momento; o que não tira nem a qualidade literária do que é produzido, nem a relação genuína que o autor possa ter com o seu trabalho de escrita.

OBSERVE

A revista Recreio é um dos marcos para a literatura infanto-juvenil brasileira, pois descobriu e lançou vários escritores, num período em que as escolas do país precisavam adotar autores nacionais em seu currículo. Com o depoimento de Ruth, percebemos esse fato como importante também na trajetória pessoal, pois a autora foi uma das escritoras e escritores que iniciaram sua carreira na revista.

Veja como a editora Samia Rios fala da revista *Recreio* em suas memórias como leitora:

“Então, a revista Recreio (que eu não tenho nenhuma guardada), foi onde surgiu Ruth Rocha, Ana Maria Machado, a própria Edy Lima. Eu também comprava de vez em quando, e a revista Recreio, na época, era essencialmente literária; era uma revista literária, tudo girava em torno do texto literário.”

VEJA NO SITE

Leia a entrevista de editores e críticos e procure relacionar o que dizem sobre o mercado editorial infanto-juvenil. Maristela Petrilli, por exemplo, tem uma fala curiosa sobre o momento em que editores precisam “descobrir” autores novos. Confira e relacione sua fala com o início de carreira da Ruth Rocha. Por meio dessas histórias, você conhecerá uma realidade importante da literatura infanto-juvenil.

VEJA NO SITE

Outra leitora da Recreio, Luciana Sandroni também fala da sua relação com a revista: “...uma revista chamada Recreio, que não é exatamente essa de hoje, né? É dos anos 70 ou 68, 69. E era o máximo. Eu me lembro de, na ilha, esperar o meu pai chegar, porque ele vinha só no fim de semana, passar o fim de semana com a gente. E ele trazia a Recreio do mês; eu e o meu irmão Dudu, a gente ficava louco, porque adorava essa revista. Mesmo numa ilha, a gente ficava louco pra revista chegar [risos] porque ela tinha histórias da Ruth Rocha, da Ana Maria, do Joel Rufino, mas ela tinha coisas de recortar, colar, então, isso a gente também curti muito”. Leia o depoimento completo.

Outros caminhos: a trajetória de cada um ao tornar-se escritor

Conhecer as histórias de vida dos autores nos revela os detalhes do percurso de cada um na profissão que escolheu (ou pela qual foi escolhido). No caso de Ruth Rocha, a trajetória de escritora foi construída a partir de outra carreira e das relações com amigos. Ouvir o que os escritores têm a dizer sobre si mesmos abre espaço para pensarmos sobre uma questão fundamental dos estudos sobre literatura e processo de criação: o que faz de cada um o escritor que é? Como se dão as descobertas na profissão? O que significa perceber-se escritor? Vejamos o que alguns autores têm a dizer sobre isso.

Pedro Bandeira vinha do teatro, mas foi trabalhando na Editora Abril e fazendo textos freelancer que ele se tornou escritor de literatura infanto-juvenil. Ele nos conta:

“Eu casei em 69, já tinha um filho em 71 e, a partir de 72, pra complementar o salário, eu fazia muito freelancer de texto, e começava a aparecer freelancer de textos infantis. Eu pegava o que aparecia, porque precisava viver. E eu comecei a fazer histórias infantis e a gostar. Nesse caso, era muito importante a rapidez; a qualidade ficava em segundo lugar. Em primeiro lugar era prazo, você entregar na data, porque tem prazo pra sair. E eu sou muito disciplinado; eu cumpria prazo e acho que a qualidade razoavelmente, então, comecei a fazer muita coisa. Eu tenho uma amiga, colega do Colégio Canadá, em Santos, que se tornou talvez a maior especialista em literatura infantil do Brasil, que é a Marisa Lajolo, professora Marisa Lajolo, e eu usava os nomes das filhas das minhas amigas, personagens, e ela comprava na banca e tal e já se interessava pela literatura. Aí ela chegou pra mim e perguntou: ‘Por que você não escreve um livro?’ Eu falei: ‘Como? Eu escrever um livro?’ Eu tinha mais de 300 histórias curtas publicadas, mas eram produtos de banca. E o produto de banca é perecível. Saíam na revista Alegria, mas, principalmente, a Abril tinha publicações, por exemplo, de umas revistinhas que tinham uma faca recortada e que você tirava e montava uns bonecos em pé. Você lembra desse tipo de coisa? Coisas pra você pintar, vestir uma boneca. E tudo isso, para não ser considerado brinquedo, tinha que ter uma história junto. E essas histórias eram minhas. Era assim: vamos fazer um álbum de cangaceiros, então, tinha que fazer a história infantil de cangaceiros; de faroeste, tem que ser uma história infantil de faroeste, e você fazia. Sobre dinossauros etc. Eu tinha feito uma historinha curta, um álbum que você recortava as figuras de dinossauros e punha em pé, encaixando, e era uma história chamada ‘O Dinossauro Que Fazia Au-Au!’ Uma história curtinha, que cabia na capa da publicação. Aí eu peguei essa história, desenvolvi e escrevi um livro. Aí a Maristela Petrilli de Almeida Leite, que estava começando uma coleção na Editora Moderna, leu esse livro e publicou. Eu fiz com muito prazer, gostei de fazer. O livro foi bem recebido; não foi um estouro, mas eu continuei a fazer. Primeiro fiz o É Proibido Miar, um livro de que eu gosto muito e até hoje tem. Eu comecei a fazer e pensei: ‘Eu quero saber o que é isso.’”

VEJA NO SITE

Consulte a “Linha do tempo dos autores”, leia mais sobre a publicação de A Droga da Obediência, em 1984, e observe o contexto literário da época.

Assim como aconteceu com Ruth Rocha, houve uma circunstância favorável em termos profissionais, mas também surgiu o gosto pelo trabalho e a vontade de saber mais: o que significava ser autor de literatura infanto-juvenil? Como ir atrás disso? O que era escrever para jovens? E Pedro nos revela mais um pouco:

“Eu comecei a falar ‘olha, eu quero aprender, me dá! O que é bom?’, aí o pessoal começou a me dar o que vende bem, o que as crianças gostam. Marcos Rey, que era meu amigo, porque eu fui, como editor, a primeira pessoa a publicar o Memórias de um Gigolô, que eu li datilografado por ele. Fui o primeiro a publicar, na Editora Senzala, esse livro. Aí comecei a ler as aventuras que ele escrevia; histórias policiais pela Ática, Coleção Vaga-lume. E começou: Odette de Barros Mott, Stella Carr, Giselda Nicolelis, João Carlos Marinho (que fazia o maior sucesso com O Gênio do Crime, Sangue Fresco). Comecei a devorar aquilo tudo. Comecei a olhar e pensei: ‘Poxa, espera aí, isso eu faço.’ E a Maristela falou: ‘Pega bem pros jovens histórias de aventura e suspense, mistério, policiais.’ Eu falei: ‘Ah, é? então espera aqui.’ Aí comecei a pensar: nessa idade, você tem turma, então vou fazer uma turminha de amigos, e criei uma turminha secreta em que botei o nome de ‘Os karas’.

Além de se informar sobre os interesses de seus jovens leitores, Pedro Bandeira ressalta seu fazer literário como um trabalho, em que é importante insistir e buscar dentro de si mesmo, em sua própria experiência, aquilo que pretende comunicar ao outro, o leitor.

“Fala-se muito de inspiração... o que é mesmo inspiração? Eu vivi num livro, num sonho e provavelmente dentro de mim tem uma série de coisas que podem aflorar, mas como aflorarão? Com esforço, pois tem que pescar dentro de si tudo o que você sentiu, sofreu, chorou, riu, gargalhou, esperançou pra puxar pra fora. Essa capacidade só vem do trabalho; você tem que tentar, você tem que sentar e insistir.”

Para Marina Colasanti, autora de *Uma Ideia toda Azul*, a escrita para o público infanto-juvenil foi uma descoberta surpreendente, um achado quase mágico, um encontro com algo que estava dentro de si, mas ainda era desconhecido. Para a autora, a literatura infanto-juvenil não fazia parte de um plano de vida, mas invadiu seu universo ficcional depois de escrita sua primeira história. É ela quem conta:

OBSERVE

Quais são os instrumentos de trabalho de um escritor? Podemos citar alguns: sua experiência de vida, a observação do mundo, os sentimentos e a complexidade da vida aliados a um trabalho com a linguagem. Conhecendo a história de vida de vários escritores, o que podemos perceber acerca da singularidade de cada um que pode tê-los levado a escrever? Atente para isso ao ler suas entrevistas.

VEJA NO SITE

Leia as entrevistas de Ziraldo, Luiz Antonio Aguiar e Mirna Pinsky. O que você pode perceber sobre o caminho de cada um ao tornar-se escritor de literatura infanto-juvenil? Há semelhanças com o caminho de Pedro Bandeira? E de Marina Colasanti? Em que sentido? Que reflexões essas narrativas sugerem sobre o momento em que alguém se torna e se descobre escritor? E sobre a escrita para crianças e jovens?

“Eu não tinha um olhar atento para a literatura infanto-juvenil, não estava nem aí para a literatura infanto-juvenil. Mesmo hoje, eu trabalho pouco para a literatura infanto-juvenil, na verdade. Porque os contos de fada, na minha cabeça, não são para infanto-juvenil. Então, eu não tenho muitos livros infanto-juvenis e alguns livros que não são contos de fada, que são livros separados, também são grandes contos de fada, eventualmente. Eu comecei com Uma Ideia Toda Azul, mais exatamente com o conto ‘Sete Anos e mais Sete’, por pura casualidade. Porque, durante a ditadura, Ana Arruda era editora do ‘Caderno i’ do Jornal do Brasil, suplemento infantil. E a Ana Arruda, hoje Ana Arruda Calado, estava envolvida e foi presa. Aí o Dimas me pediu para substituir a Ana. E eu achei que seria antiético fazer qualquer modificação no caderno dela, porque eu só estava esperando que ela saísse do cárcere. Então, evidente que isso cria problemas editoriais, porque eu não quis chamar colaboradores outros; eu tentei me adequar ao jeito dela de trabalhar. E um dia tinha um buraco e não tinha nada para botar no buraco. Com aquela autossuficiência juvenil, típica da idade, eu pensei: ‘Não tem o menor problema. Eu vou para casa, vou pegar um conto clássico, vou escrever de outra maneira, trocando fim com meio, meio com princípio e tal e mando para os leitores, as crianças. Um conto bem conhecido, eu as mando arrumar; as professoras vão gostar muito disso e a ilustração eu mesma faço. Pronto, tá resolvido o problema!’

E assim foi. Eu fui para casa, me sentei para escrever – naquela época era máquina de escrever –, sentei com a minha Olivetti. Porque eu estava muito livre e solta reescrevendo um conto, eu escolhi ‘A Bela Adormecida’ e, quando eu vi, tinha escrito outro conto que se chama ‘Sete Anos e mais Sete’. Aí eu fiquei absolutamente boquiaberta. Fiquei impactadíssima, porque eu não sabia como isso tinha acontecido, mas sabia que nunca mais eu ia sair dali. Eu pensei: ‘Eu entrei na caverna de Ali Babá, só que eu não sei o abracadabra como foi. Eu entrei! Sem querer, entrei.’ Mas aí eu quero mais, quero ficar! E comecei a escrever o livro, imediatamente depois desse conto. Eu não lembro, eu acho que nem illustrei. Acho que ele era maior que o espaço, eu não sei. Não me lembro de ter ilustrado. Eu não tenho essa edição, pena. Devia ter... Eu não sabia que isso era uma coisa fundadora para mim. Aí imediatamente decidi: ‘Então, eu vou fazer um livro.’

OBSERVE

Assim como Marina, Ruth e Pedro não tinham necessariamente uma ideia de que o que queriam da vida era escrever para crianças e jovens. No entanto, todos falam de um “achado” ao começarem a escrever. Um encontro de si mesmos e de algo a que poderiam de fato se dedicar.

Quem é Sérgio? Os diferentes modos de se apresentar na mídia

I. No site e na entrevista: modos de conhecer

Sérgio Capparelli escreve prosa e poesia para crianças e jovens e é um dos mais importantes autores vivos na literatura infanto-juvenil brasileira. De sua autoria, podemos citar *111 Poemas para Crianças* e *Um Elefante no Nariz*. Além de ter sido um dos entrevistados do projeto, Sérgio Capparelli possui uma página pessoal na internet bastante detalhada, na qual revela trechos cruciais de sua biografia, enfatizando aspectos pessoais e profissionais e entremeando relatos de certas passagens de sua vida com poesias de sua autoria. Vamos comparar como sua infância é retratada em seu site e em sua entrevista.

Do site, temos o seguinte texto:

1. O Início, nos Gerais

Sérgio Capparelli nasceu em Uberlândia, Minas Gerais, em 11 de julho de 1947. É o quarto dos dez filhos de Emanuele Capparelli, de Spezzano Albanese, Calábria, e de Cecília Guimarães, de Arcos, Minas Gerais. Seu pai foi comerciante, caixeiro-viajante e guardalivros. Sua mãe, dona de casa.

“Meu pai”, diz Sérgio, “tinha estudado em um seminário até quase se ordenar padre. Por isso, apesar de morar no interior de Minas Gerais, era um homem culto. Nunca perdeu o interesse por línguas e por filosofia. Ele lia Voltaire, Bergson, Goethe e Mecânica de Automóveis. Pouco antes de morrer, tinha acabado de decorar um dicionário de bolso de inglês e começava a decorar um grosso dicionário de alemão. Talvez achasse que inglês e alemão fossem exigidos no paraíso, apesar de agnóstico.”

Gostava, às vezes, de reunir seus filhos para ler “La Chèvre”, de M. Seguin, de um velho livro de Alphonse Daudet. Depois, passou a ocupar-se cada vez mais com suas viagens de negócios por Goiás, Mato Grosso e, por fim, Rondônia. Quando estava em casa, nas tardes de domingo, deitava-se com as mãos sob a nuca e sua voz forte ecoava pelo bairro onde morava, com canções italianas que falavam da beleza do mar. Os vizinhos paravam na rua para escutá-lo.

Quando ele viajava e Sérgio não podia ouvir suas histórias, folheava os livros da estante, num tempo em que, nas cidadezinhas de Minas, inexistiam bibliotecas. Para contrabalançar, já que a maior parte dos livros era em outra língua, havia o armário de aço de sua tia, uma costureira fina, grande apreciadora de livros, que comprava de mascates que iam de cidade em cidade.

OBSERVE

Note como o autor, ainda que num texto pessoal, enfatiza aspectos de sua infância ligados à leitura, à descoberta das histórias e à relação com os livros, primeiro com o pai e depois com a tia Maria, citada em uma de suas poesias.

*...Mas foi tia Maria que me deu o gosto de ler.
Emprestou-me Dostoievski, Machado e Fernando Pessoa antes dos doze.
Escondia os livros num armário metálico marca Vesúvio,
“Pavel devia matar Strelnikov?”
Vinha ela fiscalizar minhas leituras.
Depois, pensativa, trancava os russos no armário
E escondia a chave entre os seios.
(33 Ciberpoemas)*

Texto extraído da página pessoal do autor: <http://www.capparelli.com.br/>

Agora veja como, ao falar sobre sua história de vida, na entrevista concedida ao Museu da Pessoa, o autor Sérgio Capparelli dá espaço para o menino Sérgio e sua infância comum de interior, a descrição da casa e seus ambientes, a relação com os irmãos e as histórias de família.

“Eu me lembro dessa casa nos dias quentes. As bruxas voando em volta das lâmpadas... E eu tenho poucas memórias dessa época, porque eu acredito que tenha vivido ali até os quatro anos, cinco anos. Eu falo quatro anos, cinco anos, às vezes, até por dedução, quer dizer: se eu cabia dentro da gaveta de uma cômoda, eu devia ser muito pequeno. Posteriormente, a gente saiu rápido desse lugar, mas me lembro, por exemplo, que o meu irmão Paulo é a primeira pessoa que me mostrou certos limites dentro da vida e a ultrapassagem desses limites. Por exemplo, ele sair e eu, pequeno, ter que ficar e ficar chorando, porque eu queria ir, mas o via correndo e saindo livre. Uma liberdade que eu não tinha por causa da minha idade, por causa de uma série de coisas, mas que aos poucos vai havendo na vida como um todo, essa transposição de limites. Porque a outra imagem, em termos desses limites, que eu tenho é em cima de uma mangueira, mas nessa outra casa que é mais rica em termos de infância pra mim, avistando numa imensidão enorme, lá naquele extremo, uma fábrica de móveis, Fábrica de Móveis Testa – engraçado, vendo hoje, ‘testa’ é cabeça em italiano e era de um italiano. Um campo de futebol enorme onde eu passei praticamente a minha infância até que as toras, os troncos de árvores que eram comprados por essa fábrica de móveis começaram a ocupar o campo, isto é, eles estavam acabando com aquele campo de futebol como um espaço de lazer; era praticamente uma quadra inteira, e eu vendo a cerca como um limite, mas agora vendo o horizonte como limite e essa possibilidade de ultrapassar a cerca e ir dentro desse campo. Ou, se eu vou mais para o que eu acredito que seja o Sul – mas não sei se era o Sul, porque era na direção de Goiás... então não era... direção Noroeste –, havia um córrego, e esse córrego também significava um limite geográfico. O terreiro – minha mãe falava parque, o terreiro – era cheio de árvores. A minha mãe gostava de bichos; minha mãe tinha muita galinha; eu tinha, por exemplo, uma galinha de ovos azuis – tem galinha de ovos azuis, aparecia de vez em quando; eu tinha uma –, cachorros e gatos muitos. Minha mãe comprava de tudo: macaco, ovelha, quer dizer, deve ter passado um caminhão; eu me lembro quando ela comprou e ela cuidava da ovelha, dos

patos... Uma vez, ela estava criando um gambá, não sei por que, e tinha cajueiros, dois pés de caju, e essa mangueira. Eu me lembro agora com oito anos, nove anos, eu tinha o meu galho no cajueiro e outro galho na mangueira, de onde eu via o mundo além da cerca, mas onde também eu lia. Na verdade, é um tipo de leitura que era revista em quadrinhos, era gibi. Mas li também em cima dessa árvore *As Aventuras do Tarzan*, eu gostava muito, *Coração de Onça*, de *Ofélia e Narbal Fontes*... Eu não sabia quem eram esses autores; eu só sabia que era *Coração de Onça* e, tempo depois: ‘Esse aqui é o autor’, eu não sabia o que era o autor, sabia o que era a história. Mas esses livros são poucos, e talvez histórias de Pedro Malazartes; o principal mesmo era gibi. Era uma quantidade enorme de gibis que a gente tinha e, pra falar a verdade, é um primeiro processo que eu vejo, hoje, olhando aquela época, é um processo de socialização. É o momento em que tu encontras com outras pessoas, faz as trocas, compras e a maneira como tu teces uma rede de relações na frente do cinema pouco antes da matinê. Ali que a gente faz as trocas, leva essas novas leituras, e eu lia, vamos dizer, em cima dessa mangueira.”



A entrevista de história de vida tem essa característica: permite revelar amplamente certas passagens da vida, e o percurso traçado pelo autor na literatura infanto-juvenil é revelado nas brechas do discurso. E, desse jeito mesmo, com a literatura entrelaçada na vida, descobrimos um modo diferente de conhecer o autor, sua relação com a leitura, seu percurso profissional.

OBSERVE

Nesse trecho em que os primeiros anos da infância de Sérgio são lembrados, a relação com a leitura já é mencionada, atrelada ao rompimento de limites, à possibilidade de ver o mundo além da cerca. É possível, então, ampliarmos essa visão da leitura como um aspecto importante para Sérgio Capparelli, pois ela se apresenta como indício de crescimento, já que foi “em seu próprio galho”, conquistado com a idade, que o então menino lia. Adiante, Sérgio estabelece outra relação da leitura com crescimento: a partir da socialização.

Preste atenção!

Uma visão muito pessoal sobre a leitura

Ao falar da leitura em sua vida, Sérgio Capparelli oferece uma visão particular, extremamente pessoal, sobre seu processo como leitor. De maneira geral, em todos os depoimentos e histórias de vida disponíveis em nosso site, temos a oportunidade de conhecer como cada um iniciou-se como leitor e trilhou esse caminho ao longo da vida. Isso é possível porque cada entrevistado não é convidado a dar sua opinião sobre o que considera fundamental na formação de leitores, mas todos são chamados a falar de si, de sua vida, da memória. E suas relações com a literatura e os primeiros passos como leitores surgem em meio às singularidades da existência, como algo muito particular, não como fórmula. E é dessa maneira que refletiremos sobre os possíveis caminhos para se tornar leitor.

Para continuar a conversa sobre a história de Sérgio

Leia o restante do depoimento de Sérgio Capparelli. É possível estabelecer mais relações entre sua história de vida, transposições de limites e leitura? Acesse o site do autor. Quais as outras relações e comparações possíveis entre o texto biográfico e a entrevista?

Note como a leitura e a relação com a literatura aparecem ao longo da história de Sérgio, na medida em que conta episódios de sua vida, ainda que o tema não seja o foco principal da pergunta feita pelo entrevistador. Perceba também que, em alguns momentos, a relação com a leitura é mencionada diretamente na questão elaborada pelo entrevistador.

Vamos conhecer mais autores e suas histórias de vida?

Você pode expandir suas atividades lendo depoimentos e biografias no site, fazendo pesquisas na internet, nas páginas e no material de divulgação de editoras e nas pequenas biografias existentes em alguns livros dos autores entrevistados. Como sugestão, indicamos os depoimentos de Álvaro de Moya, Fanny Abramovich e Mary França.

Ampliando o leque de autores e discutindo as narrativas e biografias existentes na mídia, você e seus alunos aproximam-se da metodologia de registro de histórias de vida, refletindo sobre a elaboração do roteiro de entrevista e as histórias que conhecemos quando trabalhamos com história oral e nos dispomos a ouvir os relatos de outras pessoas.

Para ir além...

Entrevistas sobre histórias de vida

Os depoimentos do Projeto Memórias da Literatura Infantil e Juvenil foram obtidos por meio de entrevistas de história de vida. O que significa entrevistar alguém?

Entrevistar uma pessoa é ajudá-la a construir uma narrativa sobre sua vida a partir de suas memórias, daquilo que viveu e conheceu. Por isso, a entrevista pressupõe a interação entre quem conta e quem entrevista. Cabe ao entrevistador auxiliar o entrevistado a organizar suas lembranças em uma narrativa própria. A entrevista não é um “interrogatório” ou “questionário”, mas um momento de troca e diálogo entre as duas partes, sendo que o assunto da conversa é a vida de uma delas. Assim, a entrevista é um produto em coautoria. O entrevistado não é uma mera fonte de “informações”, mas uma pessoa que vivenciou uma história e cuja narrativa se quer registrar.

Como organizar um roteiro de entrevista?

O entrevistado é o autor principal da narrativa. É ele quem deve determinar o ritmo, o estilo e o conteúdo da sua história. No entanto, o sucesso da entrevista depende de como as perguntas estimulam o entrevistado a construir seu relato. É importante, portanto, preparar esse momento. A elaboração de um roteiro de entrevista ajuda bastante, mas é apenas um ponto de partida.

O roteiro é uma sequência de perguntas que ajuda o entrevistador a se preparar para a entrevista e não deve ser entendido como um questionário rígido. É necessário estar totalmente disponível, ser curioso, escutar com atenção. As melhores perguntas surgem da própria história que está sendo contada. Se o entrevistado falar sem perguntas, pode seguir sem interrupção, mesmo que pareça que está “saindo fora” do tema. Apenas interferimos quando for realmente necessário, para “puxar o fio da memória” do entrevistado ou para ajudá-lo a seguir.

O desafio é construir uma sequência de perguntas que ajude a pessoa a encadear seus pensamentos e organizar a narrativa à sua maneira. O tipo e a ordem das perguntas – estejam ou não previstas no roteiro – tendem a definir o tipo de história que será contada.

Deve-se priorizar a narrativa, as histórias, cuidando para o entrevistado não se perder em comentários e opiniões genéricos.

Algumas dicas para a construção do roteiro:

- Para começar – Inicie com perguntas fáceis de responder, como nome, local e data de nascimento. Além de contextualizar a pessoa, essas perguntas têm a função de “esquentar” a entrevista. É como um começo delicado de um relacionamento, e nada como perguntas simples e objetivas para deixar o entrevistado à vontade e ajudá-lo a mergulhar em suas memórias.
- Encadeamento – A ordem cronológica é um bom fio condutor da conversa, mas não é o único. Vale observar se a comunidade ou grupo tem outra lógica de organização de suas histórias. Se for adotado o critério cronológico, o roteiro pode ser organizado em três grandes blocos de perguntas:
 - Introdução: origem da pessoa, pais, avós, infância.
 - Desenvolvimento: fases da sua trajetória, incluindo, se for o caso, o tema específico do projeto.
 - Finalização: conclusão da história, relação com o presente e o futuro.
- Número de perguntas – O roteiro não precisa ser extenso nem exaurir todos os temas, pois é apenas a base para a entrevista. Um bom exercício é começar com dez perguntas (três de início, quatro de desenvolvimento e três de finalização) e depois subdividir cada uma em blocos temáticos.

Perguntas e posturas do entrevistado: o que ajuda e o que atrapalha?

O modo como elaboramos e fazemos uma pergunta faz diferença na hora da resposta. Há perguntas que ajudam o entrevistado a contar mais detalhes de sua história e outras que atrapalham.

- Perguntas que ajudam:
 - Descritivas – Recuperam detalhes envolventes. Exemplo: descreva como era a casa de sua infância.
 - De movimento – Ajudam a continuar sua história. Exemplo: o que você fez depois que saiu de casa?
 - Avaliativas – Provocam momentos de reflexão e avaliação. Exemplo: como foi chegar à cidade grande?
- Perguntas que atrapalham:
 - Genéricas – Estimulam respostas genéricas (“boa” ou “muito difícil”), sem histórias. Exemplo: como foi sua infância?
 - Puramente informativas – Podem desconcertar o entrevistado e interromper sua narrativa. Exemplo: qual era o nome da praça? (Se importante, tal dado deve ser pesquisado antes ou depois da entrevista.)



- Com pressupostos – Propiciam respostas meramente opinativas. Exemplo: o que você acha da situação atual do Brasil?
- Com julgamento de valor – Atendem apenas a hipóteses e anseios do entrevistador. Exemplo: Você não acha que deveria ter feito algo?

O entrevistador não discute opiniões nem cobra verdade e precisão histórica. O objetivo da entrevista é registrar a experiência que o entrevistado tem dos acontecimentos e não a verdade. O papel do entrevistador é estimular e auxiliar o entrevistado na construção da história que ele quer contar. E certamente a emoção faz parte.

Um pouco mais sobre a entrevista: de quantas maneiras podemos realizá-la?

No Museu da Pessoa, realizamos a entrevista seguindo o modelo que relatamos, respeitando a quantidade de entrevistadores, o ambiente fechado, o tempo destinado ao depoimento. No entanto, sabemos que, ao realizarmos um trabalho sobre história oral e memória na escola, propondo a metodologia da entrevista, alguns aspectos precisam ser revistos. Para começo de conversa, a entrevista normalmente é feita por um grupo de alunos, que elabora o roteiro e combina como será ela feita, dividindo as funções de interlocução e registro, por exemplo. Foi justamente pensando na necessidade de outro formato e buscando atender ao trabalho em escolas que o Museu da Pessoa elaborou algumas orientações para a entrevista realizada em sala de aula. Vamos dar uma olhada neste material?

A entrevista na sala de aula

Texto elaborado para o guia Histórias da Nossa Terra

As entrevistas devem propiciar aos alunos conhecer e valorizar as histórias de vida e experiências das pessoas. Um critério importante na escolha do entrevistado é ter disponibilidade para contar sua história de vida, responder às perguntas e curiosidades dos alunos.

O período que antecede a entrevista é repleto de preparativos. Todos eles devem ser compartilhados com os alunos, de maneira que se sintam seguros e dominem os procedimentos de gravar, fotografar, enfim, de realizar em grupo esse momento.

Sugestão de atividades

1º passo – A construção do roteiro

O trabalho começa com uma conversa com o grupo sobre o que é a entrevista e a importância de preparar perguntas para o entrevistado. Pode-se ler para os alunos textos ou trechos de entrevistas realizadas pelo Museu da Pessoa, especialmente os depoimentos coletados dentro do Projeto Memórias da Literatura Infantil e Juvenil, disponíveis no site do projeto.

Os alunos são convidados a propor perguntas. É possível trabalhar em grupos ou oralmente, com a professora ou o professor registrando as sugestões. Uma boa ideia é escrever cada pergunta numa tira de cartolina, fixá-las no quadro, para, na sequência, sugerir ao grupo que proponha uma ordem, identifique lacunas e repetições.

2º passo – A organização do material de registro

Conversa-se com o grupo sobre como fará o registro da entrevista, se em áudio ou vídeo, se fará fotos e desenhos durante a entrevista. A partir da decisão, são apresentados os equipamentos. É preciso testá-los e treinar o seu uso.

3º passo – Divisão de tarefas

Abordam-se, então, com o grupo, as tarefas da entrevista. Elas são muitas: receber o entrevistado, fazer fotos, fazer as perguntas. É interessante fazer uma lista, para que todos possam participar e realizar atividades de seu interesse.

4º passo – Organização de materiais complementares

Preparara-se um material para coletar dados sobre o entrevistado. Uma ficha de cadastro, com nome, endereço, telefone e outros dados básicos e fichas para registrar informações

sobre fotos e documentos do entrevistado. Elas podem ser construídas com o grupo. Também é necessário preparar um termo de autorização para que o texto e as imagens da entrevista possam ser utilizados em livro, exposição, site e outros produtos.

Um passo a mais

A preparação da entrevista pode ser enriquecida com outras atividades:

- Preparar com os alunos um convite para o entrevistado, com dados sobre o dia, o local e a hora, e um breve relato sobre a campanha e como a vinda dele será importante.
- Combinar com a turma a maneira de agradecer a presença do entrevistado — uma flor, um presente etc.
- Combinar com os alunos um lanche festivo para depois da entrevista.
- Pedir ao entrevistado que traga fotos com passagens de sua vida para mostrar e contar sobre aqueles tempos.

A realização da entrevista

O dia da entrevista é um dia especial. Um momento de encontro de gerações, dos alunos com uma pessoa de sua comunidade, de todos com a sua história.

Sugestão de atividades

1º passo – Preparação da sala

A sala é organizada em círculo, em torno do entrevistado. O gravador está posicionado próximo a ele e, se houver filmagem, a câmera deve estar posicionada ao fundo, apoiada num tripé ou num móvel.

2º passo – Retomar os combinados

Antes da chegada do entrevistado, retomam-se os combinados: quem o receberá, quem controlará o gravador e a máquina fotográfica, quem desenhará a entrevista e a organização das perguntas entre os alunos.

3º passo — Realização da entrevista

O entrevistado é conduzido à sala, combina-se o início. Ligam-se o gravador e a câmera. Os alunos farão as perguntas previstas no roteiro e outras perguntas que queiram fazer. Se o entrevistado trouxe fotos e objetos, ele os apresenta e conta suas histórias.

4º passo – Fichas de cadastro e cessão da entrevista

Finda a entrevista, a “ficha de cadastro” é preenchida, com a ajuda do entrevistado. Pede-se a ele que assine a “cessão de direitos”, o que permitirá que as informações e as imagens captadas sejam divulgadas por meio de sites, livros etc.

5º passo – Identificação do material

As fitas são, então, identificadas, etiquetadas e preservadas (é preciso quebrar o lacre se for fita K7) para impedir que sejam reutilizadas. As fotos trazidas pelo entrevistado devem ser xerocadas e devolvidas.

Um passo a mais

Fazer, com a turma, um cartão de agradecimento para o entrevistado.

Colocar no mural da escola informações, fotos e desenhos sobre a entrevista.

Preparando as formas de registro: transcrição da entrevista, de trechos ou elaboração de um texto coletivo com os alunos.

Ao transcrever uma entrevista, sugerimos que o trabalho aconteça em algumas etapas: a transcrição bruta do que o entrevistado falou, com todos os cacoetes de linguagem; a eliminação dos cacoetes para que o texto possa ser lido de modo fluido, atentando para não acrescentar palavras que o entrevistado não disse, nem retirar tantas falas de modo que o estilo da pessoa não fique evidente. A edição em temas ou capítulos (opcional), como estão organizados os depoimentos deste projeto (veja no site).

O texto coletivo poderá ser escrito em terceira pessoa, como um relato sobre o momento da entrevista ou sobre a vida do entrevistado, falando de maneira geral sobre a sua biografia ou escolhendo um episódio por ele relatado.

VEJA NO SITE, LEIA NO LIVRO

Procure exemplos de textos biográficos no site do projeto e leia o relato das histórias de vida dos autores no almanaque dos autores.



Oficinas de Formação do Projeto Memórias da Literatura Infantil e Juvenil – uma entrevista com dois autores: Lia Zatz e Luiz Antonio

Em 2008, o Museu da Pessoa realizou oficinas de formação para educadores e profissionais ligados à área de leitura e literatura. Os objetivos principais das oficinas foram a utilização do acervo das entrevistas produzidas no projeto e a apresentação da metodologia de registro de histórias de vida adotada pelo Museu.

Durante as oficinas, os participantes tiveram a oportunidade de entrevistar dois autores da literatura infanto-juvenil brasileira, os escritores Lia Zatz e Luiz Antonio. O roteiro foi elaborado por todo o grupo, que se dividiu para fazer as perguntas. Inicialmente, o grupo seguiu a linha proposta pelo Museu da Pessoa, elaborando perguntas relativas à identidade dos autores, nomes dos pais, infância, casa e bairro em que moraram, experiências escolares. Em seguida, o grupo enfocou o tema do projeto, a relação de cada um com a leitura, a literatura e a trajetória profissional.

No site, você terá acesso à entrevista realizada com Lia e Luiz Antonio durante as oficinas. Não deixe de ler! Além de conhecer um pouco mais sobre esses autores, procure refletir sobre o conteúdo de uma entrevista aberta a um público maior (confira no quadro ao lado).

VEJA NO SITE

Durante os anos de 2007 e 2008, o Museu da Pessoa organizou, em parceria com a Editora Peirópolis e a Livraria da Vila, os encontros “Literatura em Pessoa”, nos quais um escritor ou ilustrador era convidado a falar sobre sua história de vida ao público interessado. Jorge Miguel Marinho foi um dos escritores participantes e sua entrevista é produto desse evento. Leia o texto na íntegra, compare com outras entrevistas de histórias de vida do projeto e procure refletir: há muitas diferenças em relação às entrevistas de história de vida realizadas com outros autores e ilustradores? O que você percebe sobre o interesse geral do público? Que tipo de pergunta surge? Você acha que iniciar a conversa com perguntas acerca da infância altera a forma do entrevistado se colocar? Se sim, como e por quê?



capítulo 2

Caminhos da leitura

“Minha mãe era uma leitora. Minha mãe lia. Minha mãe lia uns livros que eram uns livros que circulavam naquela época. Era a coleção do Clone, A Cidadela, Mulheres de Bronze. Naquela época não tinha literatura infantil. Naquela época a gente não se preocupava com isso. Tinha o livro da escola que eu recebia, mas não era um livro literário. E eu ia lendo o que sobrava lá em casa, da minha mãe. Eu já entrei a ler uma literatura dita para adulto.”

Bartolomeu Campos de Queirós

O vínculo dos escritores, ilustradores ou editores com a literatura frequentemente é tema de mesas-redondas, textos e entrevistas que tratam da formação de leitores. Em geral, imaginamos que a relação de um autor, ilustrador ou editor com a literatura é próxima e bastante profícua e nos perguntamos: como essa relação se deu? Quais as primeiras descobertas? Em que momento? Pelas mãos de quem? Como aconteciam as primeiras leituras e quais eram os livros escolhidos ou sugeridos?

Pela importância da literatura na vida e na identidade de cada um dos entrevistados do projeto, era inevitável que o tema também aparecesse em seus relatos de histórias de vida. Mas o que eles falaram? Como foram suas histórias de leitores? A partir de suas falas e dos fragmentos de memórias, percebemos alguns aspectos em comum, que podem mostrar trajetos possíveis na formação dos leitores em geral. São falas que expressam a relação dos homens com a ficção, sua importância para a vida e o entendimento de mundo. São falas sobre a descoberta de uma forma de ser, de estar no mundo e relacionar-se com ele por meio da literatura.

OBSERVE

Mais do que comprovar a existência de uma relação próxima com os livros na infância, ouvir os entrevistados e suas histórias de vida nos permite um olhar para como essas relações se deram.

O vínculo com a literatura pelas palavras ou mãos de outro

“E quando acabávamos de jantar, ou sentávamos na varanda da casa, ou, então, quando era noite de lua, a gente atravessava o quintal, sentava na areia da praia, fazia uma fogueirinha, em geral fazia fogueira na frente de casa, na praia; a fogueira tinha grande utilidade, que a fumaça espantava o mosquito e ficávamos cantando, contando caso, conversando; e nessa hora, ‘deixa eu contar uma história’, essa era a hora da história. Vovó sempre contava história e rodava em volta da fogueira, cada um contava, um tio contava, um outro contava... Enfim, às vezes, quando não se reunia todo mundo, quando estava chovendo, quando tinha menos gente em casa, era uma coisa menor, era só com vovó. E nas férias de julho, que não ia quase ninguém, iam só alguns netos, eu ia sempre porque adorava e fazia questão, aí ela contava história deitada na rede, com a gente junto dela, no colo, balançando a rede, a corda rangendo e ela contando a história: ‘Era uma vez, muitos e muitos anos...’”

Ana Maria Machado

Para a escritora Ana Maria Machado, autora de sucessos como *Bisa Bia Bisa Bel* e *Raul da Ferrugem Azul*, as histórias têm o sabor de memórias da infância e das férias passadas com a avó, misturando ficção e afeto, cuidados e narrativas orais. Se pudéssemos fazer uma brincadeira com o famoso poema “Quadrilha”, de Carlos Drummond de Andrade, por exemplo, talvez escrevêssemos assim: Ana Maria, que amava as histórias, que eram amadas pela avó, que amava Ana Maria, que ouvia as histórias... Um vaivém de relações que expressam bem a aproximação com a literatura, mediada por um outro e pelo que construímos com ele. Na maioria das vezes, o envolvimento com a literatura vem com aquele que nos apresenta um livro, que nos pega pela mão e nos conta uma história capaz de refletir nossos sentimentos e emoções. A literatura, portanto, pode muito bem falar de vínculos. Primeiro com aquele (ou aqueles) que nos apresenta as histórias. Depois, das associações de uma leitura com a outra, das relações que o leitor faz entre os livros que lê.

Assim como Ana Maria Machado, a editora Samia Rios também fala de uma avó que lhe trazia livros da biblioteca em que trabalhava, inaugurando uma relação que duraria para sempre:

“A minha avó paterna era bibliotecária. Então, meu amor pelos livros, eu compartilhei muito com essa avó, na infância. Com a minha mãe também um pouco, porque minha mãe gostava muito de ler. Mas muito com essa avó. Muito com essa avó. Então, hoje em dia eu acho que tudo que eu me construí como leitora, como editora e vir parar nessa profissão, meio por acaso, tem a ver com essa avó, com o que eu construí com essa avó. Porque, quando eu era criança, os livros eram muito caros e poucos; eram inacessíveis. Mas ela, como trabalhava na biblioteca do Instituto do Coração, do Incor, tinha alguma coisa de literatura infantil lá, tudo que ela encontrava ela trazia.”

DICAS

E no seu grupo, quais são as memórias dos seus alunos? Além de ler trechos de entrevistas e depoimentos dos autores, você também poderá aquecer esse assunto organizando uma roda de histórias em que os alunos possam rememorar suas lembranças de leitores. Durante as oficinas de formação do projeto, houve uma atividade destinada a esse tipo de memória. Os resultados podem ser vistos ao longo deste capítulo, nos boxes “Eu me lembro...”. Para mais orientações sobre como organizar uma roda de histórias, leia o texto no final deste capítulo.

A história de cada um com a literatura é uma história de afetos. Não apenas porque o conteúdo do livro implica o leitor afetiva e emocionalmente – o que já seria bastante –, reverberando o momento em que lê, aquilo que o texto pode lhe dizer e fazê-lo sentir, mas também porque cada descoberta de um texto ficcional está quase sempre relacionada ao outro que promoveu o encontro ou participou dele. Principalmente no início do caminho de leitor. A criança descobre o livro junto com o que outra pessoa quer lhe dizer. Vejamos o depoimento de Ricardo Azevedo, autor e ilustrador de textos infanto-juvenis como *Lucio Vira Bicho* e *Meu Livro de Folclore*, entre outros:

“O meu pai trabalhava muito e era um cara meio fechadão. Ele ficava muito no escritório. Tinha um escritório no andar de cima da casa, era uma casa grande, e a parte de cima inteira da casa tinha um quarto, que era dos meus irmãos mais velhos, e o resto era um escritório. Era um baita de um escritório, tinha sei lá quantos mil livros ali, 7, 8 mil livros, era uma coisa assim imensa, e ele ali ficava. Ele ou estava na USP ou estava no escritório, estudando, lendo. Ele vivia uma vida muito ligada ao estudo. Agora, ele era um cara que, de vez em quando, por exemplo, pegava e contava histórias. Principalmente no sítio, ele contava histórias e sempre histórias populares. Hoje em dia eu sou um cara que mexo com folclore, e eu aprendi a valorizar isso com o meu pai, sem dúvida. Aprendi desde pequeno. Ouvia algumas histórias que ele contava, inclusive eu reconto uma das histórias, ‘Gaspar É o Caio’, que é uma história popular. Eu aprendi com o meu pai essa história.

Agora, fora isso, ele fazia umas coisas interessantes. Ele pegava a gente, principalmente esses três filhos que tinham mais ou menos a mesma idade, o Alberto, eu e o João, e fazia uns jograis em casa com um gravadorzinho pequeno de rolo, ainda no tempo de rolo. Por exemplo, trovas populares, poemas de Castro Alves, Gonçalves Dias e Juca Pirama, vários poemas que ele gostava... Vicente de Carvalho. Ele fazia jograis com a gente; ele participava também, e dava uma parte pra cada um. Eu lembro de Juca Pirama; agora talvez eu não saiba recitar, mas eu sabia de cor o canto do guerreiro, por exemplo. Eu sabia de cor, isso aí até pouco tempo atrás, talvez até aqui se eu fizesse um exercício eu lembrasse de muitas partes. E era bacana! Era um negócio fantástico a gente fazer isso: gravava e depois ouvia e se divertia horrores com isso, com essas gravações. Então foi uma experiência muito forte.”

EU ME LEMBRO

“Tive contato com as histórias por uma via: meus pais. Eles me ofertaram seus maiores tesouros: as suas próprias histórias. Lembro com saudades do tempo em que acabava a energia elétrica e ficávamos concentrados na sala de casa à escuta de muitas histórias de terror. Momento tenso esse, os corpos se aproximavam, o silêncio atormentava, as sombras se moviam e o coração acelerava”. Depoimento de José Roberto da Silva, durante as oficinas do Projeto Memórias da Literatura Infantil e Juvenil. Veja o restante do depoimento no site.

Ricardo Azevedo salienta a importância do gosto literário do pai em seu trajeto como um escritor que se firmará como grande estudioso do nosso folclore. Sem dúvida, uma experiência muito forte, como disse o autor, que faz pensar na literatura como herança que se pode ganhar ou conquistar. Adiante, na fala de Ricardo, a literatura é apresentada pelo pai como jogo, como brincadeira, ao propor um jogral com textos decorados e gravados. No trecho da página anterior, ele também traz a literatura como herança, não só por tê-la em mente, quase como um texto pessoal, mas por absorver a relação que o pai possuía com os autores citados.

A percepção da relação que uma avó, um pai, um tio, um primo tem com os livros, com determinadas histórias e autores também nos forma como leitores. Gosto literário se herda, se discute e se leva adiante. Falando de herança, vejamos o que nos conta a escritora Anna Flora, autora de *A República dos Argonautas* e *O Louco do Meu Bairro*, entre outros:

“Eu lia... Quer ver essa coleção? Eu ganhei essa coleção do Monteiro Lobato que tinha sido da família dos meus primos mais velhos. Tanto é que essa capa é bem antiga, é do André Leblanc e ainda tem a assinatura de 1958 do meu primo que morava aqui, também perto da Rua Morás. E isso foi muito legal, porque eu herdei deles toda a coleção de Monteiro Lobato.”

E por falar em Monteiro Lobato, a escritora Luciana Sandroni lembra que suas leituras da obra do autor começaram com a sua mãe, Laura, importante crítica de literatura infanto-juvenil:

“Eu lembro da minha mãe muito contando história pra gente. Porque a gente teve uma infância muito mágica, muito bacana. O meu avô tinha uma ilha; quer dizer, tinha um terreno em Itacuruçá. E a gente passava as férias de verão nessa ilha. Antigamente eram três meses de férias: de dezembro a março. Quer dizer, a gente devia ir de janeiro a fevereiro. E não tinha televisão, então, é claro que a gente gostava de brincar, de jogar monopólio, jogar baralho e tudo. Mas a noite era um ritual: todo mundo ia pro quarto das meninas, e a minha mãe contava Monteiro Lobato. Capítulo por capítulo. Tinha uma coisa meio que parecida com o Sítio do Picapau: a gente estava numa ilha, com a minha avó, com a cozinheira que contava história também, e a minha mãe contando. Então isso é marcante, de eu lembrar de ela contar Viagem ao Céu e a gente ir pra praia ver as estrelas.”

OBSERVE

Esse trecho das memórias de Luciana Sandroni pode ser ilustrado com uma bela frase presente em um vídeo realizado a partir do programa “Café con Libros”, dedicado ao livro de Alberto Manguel, Biblioteca à Noite: “Falem o que falem, os livros sempre falam de nós mesmos.”

EU ME LEMBRO

“Minha mãe, com a ajuda da minha madrinha, a pessoa que, na família, era a mais escolarizada, decidiu me alfabetizar em casa, utilizando algumas cartilhas e livros de literatura infantil. A princípio, elas tentaram com os clássicos dos contos de fadas, como Chapeuzinho Vermelho e Branca de Neve, mas eu não me identificava com essas histórias. A minha identificação só veio com o livro Reinações de Narizinho.”

Depoimento de Estefânia Nazário durante as Oficinas Memórias da Literatura Infantil e Juvenil. Veja o restante de sua história no site.

VEJA NO SITE E CONSULTE A LINHA DO TEMPO

Em 1990, Mary e Eliardo França publicam, pela editora Ática, a Coleção Contos de Andersen, após intensa pesquisa na Dinamarca.

Além do vínculo com o momento em que sua mãe contava histórias, Luciana aborda outro aspecto fundamental da relação de cada leitor com certos textos ou autores: o vínculo especial que se estabelece com a própria vida, com fatos e passagens marcantes. Para a menina Luciana, sua vida na ilha do avô misturava-se com as histórias de Lobato e o ambiente do Sítio do Picapau Amarelo, ou seja, as histórias lidas por sua mãe deram um sentido especial aos momentos vividos durante as férias. Curiosamente, a autora escreverá um livro intitulado *Minhas Memórias de Lobato*.

Ainda para Luciana, a relação com a literatura e, especificamente, com o texto de Monteiro Lobato aparece entremeada com momentos de sua vida de criança. Assim como para Eliardo França, já que um dos mais importantes livros de sua infância (e que teria um sentido especial em sua vida profissional) foi presente de um aniversário que ficou na lembrança. Mas Eliardo também associa aos livros experiências sensoriais: a partir do olfato, ele estabelece relações especiais entre os livros e a sua infância:



VEJA NO SITE

Por falar em literatura e vínculo, leia também os depoimentos de Ângela Lago, Tatiana Belinky e Edy Lima. De que maneira essas três autoras falam sobre o assunto? O que contam sobre isso? Que tipo de reflexão fazem? Perceba as diferenças e semelhanças.

ASSISTA AO VÍDEO

Não deixe de ver a gravação da entrevista de Fanny Abramovich, em que ela fala sobre as suas memórias mais remotas, sobre as histórias contadas por sua mãe, ao pé de sua cama. No site.

“Eu sempre convivi com os livros. Era uma coisa que fazia parte do cotidiano. O que eu me lembro é que o meu presente, quando eu tinha seis anos, foi um livro do Andersen, O Patinho Feio. Eu gosto do cheiro de livro, a memória olfativa é muito forte. É mais forte que tudo em termos de memória. Eu sou um cara que cheira livro e, quando eu sinto aquele cheiro de livro, eu volto imediatamente à infância. Tenho uma amiga, que vocês já entrevistaram aqui, que é uma figura maravilhosa, a Tatiana Belinky, e ela fala que tem um livro de cheirar quando ela quer voltar à Rússia. Ela nasceu lá e, quando ela quer voltar à Rússia, ela dá uma cheirada nesse livro, dá uma cafungada e vai direto pra lá. Então, eu sempre tive essa convivência com livro e hoje uma das minhas diversões prediletas é exatamente a leitura.”

EU ME LEMBRO...

*“Tenho uma memória que gosto de visitar de vez em quando: a caixa de livros da casa da minha avó. Quando criança, eu adorava ler aqueles livros amarelados. Gostava de imaginar a minha mãe ainda menina, se divertindo ou se emocionando com aquelas histórias, talvez contadas por minha avó a ela ao pé da cama, ou debaixo da mangueira que fica no quintal.”
Depoimento de Thaís Macedo Gurgel, durante as oficinas do Projeto Memórias da Literatura Infantil e Juvenil. Leia o restante de sua história em nosso site.*

O outro no espaço, o espaço do outro: descobertas na biblioteca

“Entrar em uma biblioteca é entrar em uma viagem que pode mudar a vida.”

“Café con Libros”, especial Alberto Manguel

Ao serem entrevistados, alguns escritores e ilustradores falaram sobre sua relação com a biblioteca, espaço privilegiado de leitura na escola e nos lares. Muito mais que um lugar onde se guardam os livros, uma biblioteca particular reflete aquele que a formou. Seu gosto literário, a forma como organizou os livros, aqueles que lê com mais frequência. A biblioteca do outro, nesse sentido, pode ser um convite à descoberta dos livros, que não precisa ser expresso formalmente; são as projeções do outro nas estantes que convidam, mostrando a importância e a presença da leitura na vida. É um convite silencioso, que se dá pela disposição dos livros nas estantes. Vejamos o que conta Lalau, autor de *Bem-te-Vi e Outras Poesias*, sobre sua relação com a biblioteca do avô:

“Meu avô tinha uma biblioteca pequenininha na casa dele e, quando a gente se reunia lá, no domingo – aquele domingo da família –, então eu sempre dava uma escapadinha para ver. Mas, naquela época, não tinha a variedade e a quantidade de livros para criança como hoje. Eu tenho um filho que vai fazer oito anos agora. Ele tinha livro para morder, tinha livro para tomar banho, tinha livro para arrastar no chão. Naquela época não tinha. Eu lembro da biblioteca do meu avô, que tinha Jorge Amado, tinha alguns volumes do Jorge Amado. Tinha uma coleção de Émile Zola. Olha, um moleque de dez anos folheando Émile Zola. E tinha Tesouro da Juventude, com ‘th’. Tinha um outro que eu achava ótimo, que era O Mundo em Que Vivemos. Então, eu gostava muito de ir até lá e ficar lendo essas coisas. Não tinha muita coisa. Não tinha essa variedade. Eu lia Monteiro Lobato, lógico, Irmãos Grimm, e por aí.”

CURIOSIDADE

Quer conhecer uma biblioteca muito diferente? Veja o depoimento de Marilda Castanha sobre o armário do Tio Nego. Assista ao vídeo em nosso site.

VEJA NO SITE

Oriente seus alunos a buscar outros depoimentos no site do projeto. Será que há outras falas sobre a influência de um espaço na formação de cada um enquanto leitor? Que outras relações aparecem? São sempre positivas?

DICAS

Leia e reflita a partir das entrevistas de Sérgio Capparelli, Nelson Cruz e Yaguarê Yamã.

Ricardo Azevedo também tinha uma relação especial com os milhares de livros que havia na casa em que passou a infância. Uma relação silenciosa com os livros, que estiveram disponíveis até como brinquedos, como ele nos conta:

“Eu tinha, como disse, muito livro em casa. Eu nasci no meio de livros. O andar de cima da casa eram livros e nem o meu pai, nem a minha mãe eram pessoas de indicar livros. Eram leitores, mas não de indicar. O espírito da coisa não era esse, era o seguinte: os livros estão aí, era como se fosse um pomar, na verdade. Você ia lá e pegava a fruta, experimentava, gostava; cuspi, se não gostava. Era essa a sensação que eu tinha. Então, eu lembro de primeiro brincar com livros, brinquei muito com livros, sem ler, porque eu não sabia ler. Então, a minha infância primeira, era de eu ir subir lá na parte de cima, com dificuldade. Eu achava uma escada, que tinha um portãozinho no andar de cima pra criança não cair. O pessoal subia, fechava lá a porta pra criança não descer correndo e cair, quando a gente era pequeno. E o que eu fazia: tirava os livros das estantes e brincava: de carrinho, fazia umas casinhas, fazia uns castelos com os livros e brincava, era muito legal. Depois, aos poucos, fui descobrindo aqueles livros, era muito livro! Então, era muito bacana. Eu me lembro de um livro que era o seguinte: não sei de onde o meu pai tirou isso, era coisa muito antiga, devia ser um livro didático antigo, do começo do século, que deve ter vindo ou através da família do meu pai mesmo ou da minha mãe, mas que ele pegou e encadernou. Ele deu o nome de ‘Livro de Gravuras’. Eram páginas impressas só de um lado. E eu acho que aquilo era usado pra você botar na classe e as crianças verem imagens, era fantástico, eu tenho até hoje esse livro. Eu guardei o livro. E me lembro que eu ficava fascinado, não sabia ler ainda e adorava esse livro. Eu pegava, via as imagens, tinha tudo do mundo! Tinha os instrumentos musicais, as flores, armas, os meios de transporte, um livro grosso, tudo que você possa imaginar em imagens! E eu, nossa, eu me lembro que ficava olhando... Os animais, por exemplo, os mamíferos, peixes, cobras; eu olhava aquelas cobras, eram desenhos muito bem-feitos. Até hoje eu acho fantásticos os desenhos, um realismo legal, com cores bonitas. Sem dúvida, um livro marcante pra mim. Inclusive no meu interesse em ser desenhista, porque eu olhava aquelas imagens e achava fantástico como um cara podia desenhá-las tão bem.”

Como Ricardo Azevedo, o escritor Luiz Antonio Aguiar, autor de *Tristão*, lembra de encontros fundamentais entre as estantes formadas pelo pai, repletas de escolhas e descobertas:

“(...) O meu pai me introduziu no mundo dos livros, porque ele fazia questão de comprar muitos livros; era uma coisa em que ele investia muito, ter uma biblioteca dentro de casa, pelo menos. Não posso chamar de uma biblioteca, também, mas uma estante que ocupava uma parede inteira e mais várias estantes espalhadas pela casa. então, eu sempre convivi com muito livro. E a aventura, assim, de você puxar um livro e descobrir o que tem dentro, puxar um livro e olhar: ‘Puxa, essa história.’ Aí, começa a ler a história, isso eu tive desde criança, quer dizer, o grande barato, um dos grandes baratos da minha infância era esse, era na biblioteca do meu pai descobrir livros, descobrir histórias que me interessassem. Isso foi maravilhoso, isso foi fantástico pra mim.

OBSERVE

Pomar de livros: repare que Ricardo Azevedo afirma que os pais não eram pessoas de indicar leituras aos filhos. O convite, no entanto, existia silenciosamente na imensa oferta de livros espalhados pela casa.

PUXANDO CONVERSA COM OS ALUNOS

Que relações possuem com a biblioteca de sua escola? Visitam-na com frequência? Já relataram histórias de encontros e descobertas entre suas estantes? Como isso se deu? Organize uma roda de conversa sobre o tema. Falando sobre si mesmos, eles também se aproximam de algumas histórias de nosso acervo.

Quem somos quando estamos entre os livros

Além das bibliotecas particulares, há a relação com os espaços públicos, as bibliotecas de escolas e bairros. Aí a descoberta parece diferente, pautada pela possibilidade da escolha diante da variedade de títulos. Trata-se do encontro com o livro, do diálogo com o texto, com o autor. Assim nos conta, por exemplo, a editora Samia Rios, ao lembrar de férias marcantes, nas quais pôde descobrir-se na leitura e viver transformações preciosas:

“A minha vida sempre tem um livro atrás. Quando eu tinha 11 anos, fui passar férias em Londrina com o meu avô, com os parentes dele. Não tinha criança. Era uma casa cheia de velhos: a irmã do meu avô, os filhos dela. Mas tinha uma nora dessa irmã do meu avô que trabalhava em uma escola, no Colégio Marista de Londrina. Então, logo descobri o que eu podia fazer. Ela falou: ‘Você quer ir comigo?’ Eram férias, a escola estava fechada e ela ia trabalhar. ‘Ah, vai, eu quero!’ Tinha uma biblioteca absurda, gigante. E eu passei as férias naquela biblioteca só pra mim. E na hora que eu vi aquilo eu falei: ‘Posso entrar?’ ‘Ela falou: pode!’ Eu falei: ‘Eu preciso aproveitar e ler tudo o que eu puder, porque não vou poder levar nenhum livro daqui.’ E passei as férias naquela biblioteca. Assim, lendo loucamente. E aí a irmã do meu avô: ‘Você vai ficar com problema na cabeça! Vai ficar meio doida. A pessoa que lê muito fica doida!’[risos]. E aí, eu menstruei pela primeira vez, sozinha na biblioteca. Eu e os livros. Eu acho muito legal isso. Eu adoro essa história. Isso faz todo o sentido. Porque eu falei: ‘Com quem eu vou compartilhar esse momento? Com os livros, né?’ Eu não queria contar pra ninguém, eu sabia o que era aquilo. Já não estava no tempo de ninguém saber o que era isso. E aí contei, tinha que contar, porque alguém precisava me dar absorvente. Fizeram aquele escândalo. Mas pra mim estava tudo certo. Aquele era o lugar certo para acontecer. Porque a maior intimidade eu sempre tive com os livros, mesmo. Então, era naquele lugar.

(...) Eu acho que foi ali que eu li o livro Os Meninos da Rua Paulo, que eu não tinha lido inteiro, Moby Dick... Nossa! Eu fui pegando tudo o que eu podia: Julio Verne, eu fui devorando... Eu acho que já tinha livro da Série Vaga-Lume: Éramos Seis, O Caso da Borboleta Atília, O Escaravelho do Diabo, A Ilha Perdida.”



OBSERVE

De alguma maneira, a relação com um espaço de leitura, que observamos nas entrevistas, fala de uma abertura muito peculiar aos livros e suas histórias, de uma possibilidade de diálogo, de um falar da vida, uma descoberta de si mesmo e do mundo, que vai marcar profundamente aqueles que escolherão, no futuro, estabelecer uma relação próxima e constante com a literatura. Na fala de Jean Foucambert: “O leitor não é aquele que lê o livro que lhe é proposto, mas aquele que conhece os meios para encontrar e diversificar os textos ligados aos seus interesses.”

O crítico Edmir Perrotti traz um encontro especial em seu depoimento. O então menino foi conquistado pela literatura diante de uma estante de livros que era o único objeto remanescente de uma casa em obras e que o trouxe para “dentro” dos livros, capturando-o para sempre e inaugurando uma relação indelével com a literatura:

“E daí acabou acontecendo o grande encontro. Por incrível que possa parecer, porque não foi na escola. Meu pai nunca levava a gente nas obras que ele estava fazendo, a não ser no dia da festa, aí ele levava a família toda, mas, fora disso, nunca levava. Eu acho que tinha medo de que a gente não quisesse ir pra escola, que gostasse de brincar com areia, com a pá, tomasse gosto ali e não quisesse mais estudar. Ia ver que ele era operário e queria que os filhos fossem doutores, sei lá, nunca falou isso, mas, na obra, ele não levava. Aí um dia ele levou. Era uma casa ali onde nós moramos, na Vila Sônia, uma casa que estava sendo reformada, tinha uma grande sala e não tinha ninguém lá por perto, porque tinham tirado todos os móveis por conta da reforma. Mas deixaram um objeto de madeira que eu não sabia o que era, estava fechado com um vidro cheio de umas coisas que eu também não sabia o nome.

Bom, aí ele foi lá fazer as coisas dele e eu fiquei ali. Eu olho para aquilo, eu já sabia ler – eu devia estar na terceira série ou quarta –, eu olho pra aquilo e: ‘Deixa-me ir lá ver.’ Eu era curioso, isso eu tinha realmente, uma curiosidade danada. E aí eu chego perto, levanto a portinhola e puxo aquele objeto pra mim, porque eu não sabia o que era, e era grande assim. Eu puxo, abro e na hora que eu abro pula lá de dentro uma menina: ‘Como é que você mexe nas coisas dos outros?’ Começa a falar comigo assim, me dando a maior bronca: ‘Não está vendo que está na casa alheia, mexe nas coisas, onde já se viu?’ E eu assustado assim: ‘Por que, não pode mexer? Eu só estou mexendo não quero nada.’ ‘Não, não pode. Isso aqui não se faz.’ Aí eu também comecei a reagir, ficar bravo: ‘Bom, eu estou roubando alguma coisa? Não estou. Eu estou aqui sem fazer nada. Qual é? E você quem é você?’ E aí não era ninguém mais, ninguém menos do que a Emília, que pulava das páginas do livro e vinha conversar comigo.

Aí nós tivemos um caso de amor que nem te conto. Aí eu roubei a Emília, roubei em termos, quer dizer, eu peguei a Emília, levei pra minha casa, levei a Emília comigo pro meu quarto. Isso com nove, dez anos de idade. Aí vivemos aquela história de paixão e de amor. Voltei com o livro na casa, aí fui lá e pedi que eles me emprestassem. Tudo aquilo que eles tinham era toda aquela coleção de Monteiro Lobato, que a Brasiliense vendia, porque nessa época a Tatiana Belinky e o Júlio Gouveia estavam começando a fazer o Sítio do Picapau Amarelo na televisão. E aí saíam os vendedores pelas periferias da cidade, onde não tinha livrarias, vendendo, e vendiam essas coleções nas casas, vendiam a prazo.

Até hoje eu penso nisso. Eu falo: ‘Que engraçado, meu pai não queria de jeito nenhum, nunca levava a gente, e o dia que ele leva eu encontro aquilo que me faz estar sentado aqui contando isso pra você agora, que me abre, mas me abre ali naquele lugar, naquele espaço.’ Quer dizer, que mistério têm as coisas, que você não sabe. Ele não sabe por que aquele dia ele agiu diferente e me levou. Aí, a partir daquele dia, realmente fui tomado por essa coisa. A partir daquele dia, eu só queria poder repartir com as pessoas, conhecer, viver, me envolver com aquelas coisas, mas ao mesmo tempo repartir, porque aquilo era muito grande e precisava ser repartido.”

VEJA NO SITE

Como não podia deixar de ser, o escritor Monteiro Lobato foi fundamental para a maioria dos entrevistados. Ao ler as demais entrevistas, preste atenção no que falam sobre esse autor. Aproveite e assista ao vídeo sobre Lobato em nosso site, na exposição de vídeos.

ASSISTA AO VÍDEO

Pedro Bandeira encontrou-se de maneira especial com Narizinho, sua “primeira namorada”. Veja o depoimento do autor no site.

Formas de compartilhar e registrar memórias: roda de história e linha do tempo

Os textos que você lê nos quadros “Eu me lembro” são o resultado de uma roda de histórias realizada em uma oficina do Projeto Memórias da Literatura Infantil e Juvenil no Museu da Pessoa. A roda de histórias foi uma de nossas primeiras atividades, e os participantes foram orientados a trazer para o encontro objetos significativos de suas trajetórias de leitores. Poderia ser um livro, uma fotografia, e houve quem trouxesse uma boneca Emília e até um grão de café, que representava os momentos dedicados às histórias na casa da avó.

EU ME LEMBRO...

“Minha família e eu passávamos as férias na casa da minha avó, no interior de São Paulo. Lembro como se fosse hoje da chegada: descíamos correndo do carro, ansiosos por nos mexer depois de tantas horas de estrada. Subíamos pela varanda de chão vermelho, entrávamos em sua casa de madeira e seguíamos o cheiro forte de café que nos levava até a cozinha. Lá começava o ritual de contar histórias.”

Depoimento de Daniela Momosaki durante as oficinas do Projeto Memórias da Literatura Infantil e Juvenil. Leia o restante de sua história no site

Você sabe o que é uma roda de história?

A roda de história é uma atividade feita em grupo, entre pessoas que se reúnem para contar um episódio de sua vida, algo significativo que desejam compartilhar com o grupo. No caso deste projeto, a roda de história aconteceu a partir de um objeto relacionado com a história de leitor e que era o disparador da memória. O disparador pode ser também uma pergunta, um tema combinado ou a própria história que o participante desejar contar. Muitas vezes, as memórias que surgem em uma roda são disparadoras de outras histórias.

Esse é um momento especial, que requer alguns acordos para que aconteça de maneira respeitosa e aproveitável para todos:

- Todos têm o direito de contar a sua história e, para isso, o tempo de cada pessoa deve ser respeitado. Vale combinar quantos minutos estarão reservados para cada relato. Assim, não corremos o risco de uma pessoa falar demais e não sobrar tempo para as outras.
- É preciso respeitar o jeito de cada um se manifestar, ouvindo com respeito e atenção a história de cada participante.
- Enquanto conta sua história, o participante não deve ser interrompido pelos outros. Cada um deve começar seu relato dizendo: sou fulano e vou contar a minha história... Assim que terminar sua fala, deverá dizer: sou fulano e contei minha história.

- Um relato não deve ser “corrigido” ou “testado” pelos outros quanto à sua veracidade e objetividade. A memória é seletiva e subjetiva, e o mesmo fato pode ser lembrado e contado de maneiras diferentes pelas pessoas que o viveram.
- A atenção à história do outro é fundamental para que a roda aconteça. Nesse momento, não vale atender o telefone, levantar, conversar com quem está do lado.

Para o registro do grupo, uma roda de história pode ser filmada ou gravada e é sempre bom cuidar do local em que ela acontece: não deve ser num local barulhento e sujeito a interrupções. Se for usado um gravador, ele deve estar sempre próximo de quem estiver falando.

No caso de um trabalho relacionado com as memórias literárias dos participantes, os temas podem versar sobre: primeiras leituras, descobertas literárias, contações de histórias na infância, bibliotecas, entre outros. Mas, lembre-se: o tema escolhido precisa fazer parte das memórias de todos os participantes.

Linha do tempo

Além da roda de histórias, ou mesmo para complementá-la, você poderá organizar uma linha do tempo dos participantes. A linha do tempo é um instrumento que pode ajudar o participante a entrar em contato com sua própria história a partir de marcos de sua trajetória, pessoas significativas, momentos cruciais. Isso deve ser explicitado aos participantes.

Durante as oficinas do Projeto Memória da Literatura Infantil e Juvenil, a linha do tempo foi organizada da seguinte maneira: primeiro, foi montada uma linha com os marcos oficiais da literatura infanto-juvenil, contendo datas importantes, como lançamento de livros marcantes, criação de leis e medidas pertinentes ao assunto, prêmios ou fundações relativas a essa área. Os participantes foram, então, convidados a caminhar por essa linha, exposta pela sala, e a lembrar de seus marcos pessoais, que poderiam estar relacionados à linha de duas maneiras:

- pela data;
- pelo título ou autor que aparecia na linha (por exemplo, ao ver um determinado marco referente ao lançamento de um livro, um participante lembrou que foi alfabetizado lendo aquele livro, ainda que muitos anos depois da data de publicação).

Nessa organização, a linha do tempo oficial foi ganhando novos marcos relacionados às memórias individuais. Se você quiser fazer essa atividade em sala, poderá utilizar a linha do tempo de nosso site, preenchendo-a com as memórias literárias de seu grupo de alunos.

VEJA NO SITE

Consulte a linha do tempo dos autores e observe como ela foi feita.



capítulo 3

Literatura infanto-juvenil e arte

“Os contos de fadas me fizeram acreditar que eu ia superar todas as dificuldades que eu tinha e que eu ia ser uma princesa na minha vida. Coisa em que eu só tô acreditando agora, com idade já de ser rainha.”

Ângela Lago

Se você é educador, vai concordar: literatura é essencial. E seria uma tarefa fácil se pedíssemos para você escrever uma lista dos benefícios da leitura de todos os gêneros textuais e, sobretudo, das narrativas ficcionais, no processo de formação de jovens e crianças. A literatura consta dos parâmetros curriculares e os textos de ficção acompanham os estudantes em todas as fases de sua formação, das séries iniciais ao ensino médio. E já se tornou tradição que os vestibulares ditos respeitados estabeleçam uma lista de livros de leitura obrigatória. Pouco importa se o candidato será jornalista, engenheiro de minas ou farmacêutico. Terá de ler e saber discorrer sobre aquelas obras.

Mas não são apenas os professores e educadores que formam leitores. Entidades públicas e organizações não governamentais se dedicam à criação de bibliotecas nas estações de metrô, nas periferias das grandes cidades, nas prisões ou em comunidades rurais isoladas no interior do Brasil. Enfim, educadores, escolas, sociedade e governos, autores, ilustradores, editores e críticos travam uma batalha contínua pela formação de novos leitores. E, como vimos nos capítulos anteriores, para além da escola e dos ambientes institucionalizados, os caminhos que levam à descoberta da leitura e da literatura passam também pelas relações e pelo ambiente familiar, pelas experiências e oportunidades da vida.

Tudo isso revela que a literatura é muito importante, mas para quê?

O ato de ler (livros, jornais, revistas, quadrinhos, enciclopédias, apostilas didáticas, textos técnicos...) permite o contato com ideias (e ideologias) que podem movimentar grupos, despertar consciências, reunir pessoas em torno de um objetivo comum. A leitura, diz-se, amplia os horizontes, melhora a expressão oral e escrita, forma cidadãos, ajuda as pessoas a encontrar respostas para suas questões práticas, existenciais e afetivas.

“A literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens, em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação.”

Antonio Candido

Além dos motivos expostos acima, que outras razões você pode associar ao fato de darmos tanto valor aos livros de ficção? Tente refletir sobre o papel da literatura na vida cotidiana, na história, na experiência de pessoas e grupos para dar uma resposta pessoal ou elaborada a partir da discussão com seu grupo para a questão..

Edmir Perrotti é professor, crítico literário e também autor. Ainda jovem, ele descobriu que a arte podia ajudá-lo a compreender quem era, o que vivia e sentia e logo percebeu que a descoberta também estava associada à literatura. É ele quem nos conta:

“Eu me lembro que fui um dia ao cinema e a música do filme tinha me encantado, era um musical. Fui pra aula de piano e, por conta própria, comecei a tocar de ouvido a música que eu tinha ouvido no cinema. Eu fiquei tão tomado por aquilo! Todo dia eu ia pra casa da professora estudar. Nesse dia eu falei: ‘Hoje não vai ter estudo, não. Hoje vou tocar esse negócio.’ Eu fiquei tão tomado por aquilo. Eu me lembro até hoje, eu devia ter uns 15 anos. Saí da casa dela, não tinha ninguém na sala, fui embora... Era um dia meio chuvoso, larguei a porta aberta, não falei pra ninguém e fui andando na rua num estado tal... Aquele dia eu descobri o que era a música. Que era igual à literatura.”

VEJA NO SITE

Leia o depoimento de Cláudio Fragata, autor de Balaio de Bichos, A Princesinha Boca Suja e Seis Tombos e um Pulinho, entre outros livros. Quando criança, ele tinha uma coleção de discos de histórias e a narração das aventuras de Chapeuzinho Vermelho sempre lhe provocava fortes emoções: “A história eu sabia de cor. Mas eu ficava desesperado, gritava e berrava. Queria que alguém fizesse alguma coisa por

A antropóloga e pesquisadora Michèle Petit tem vários trabalhos dedicados a desvendar a complexidade da relação que cada um de nós, leitores, estabelece com a literatura. Para ela:

“A leitura é feita de fragmentos e alguns deles funcionam como feixes de luz sobre uma parte de nós, escura até esse momento. Feixes de luz que vão desencadear todo um trabalho psíquico, às vezes até mesmo muito depois de termos lido aqueles fragmentos.”

Michèle Petit, traduzido do livro Lecturas: Del Espacio Intimo al Espacio Público

A leitura dos livros de literatura certamente auxilia o processo de alfabetização e amplia o vocabulário durante a infância, além de ajudar a construir continuamente o sentido, na medida em que as crianças reconhecem diversas formas de organizar uma narrativa e percebem variadas vozes/narradores que usam as palavras de maneiras distintas.

Como outras artes, a ficção literária traz reflexões sobre a vida, a morte, o amor, a paixão, o rancor, o medo, o desejo. Sobre tudo aquilo que existe, mas não sabemos nomear. Sobre tudo aquilo que não existe, mas que gostaríamos que existisse e muitas vezes até



inventamos. A ficção também nos revela novas maneiras de olhar para lugares, pessoas, culturas e nos apresenta pontos de vista de que nem suspeitávamos. Além de nos permitir experimentar situações que não vivemos, amplia as fronteiras do que chamamos de conhecido.

A escritora e ilustradora Marina Colasanti, autora de *Uma Ideia Toda Azul*, cresceu durante a guerra. Viu de perto os aviões que bombardeavam casas na sua vizinhança. A família viajava muito e, embora ela e seu irmão não frequentassem a escola, tinham sempre livros à disposição e, por isso, desenvolveu uma relação muito particular com a ficção:

“Lemos Ilíada, Odisséia, Orlando, o furioso, as Lendas Arthurianas, Dom Quixote, Viagens de Gulliver, Robson Crusóé... Nós líamos os grandes livros da literatura universal. Nós lemos os livros fundadores, e isso ficou no nosso imaginário. Lemos os mitos gregos... lembro que um dos livros era sobre os mitos gregos. Nós ficamos siderados. Isso deixa uma marca indelével. Deixa talvez no inconsciente essa sensação de porta de entrada para a compreensão do mundo. Não é um outro mundo, é uma outra maneira de entrar.”

É nas entrelinhas do texto que a literatura se mostra capaz de revelar a condição humana. E, também por isso, fortalece nossa identidade. Talvez a ficção não ofereça respostas concretas a todas as nossas angústias e necessidades, mas contribui para esclarecer uma questão fundamental que sempre surge em algum momento de nossas vidas: quem somos?

As narrativas também possibilitam o desenvolvimento de nosso vínculo com a tradição histórica e cultural, com o tempo e o espaço a que pertencemos, além de nos permitir organizar e nomear essas experiências por meio da linguagem. Ou, nas palavras de Ricardo Azevedo:

“A literatura costuma tratar de assuntos, subjetivos por princípio, sobre os quais não tem cabimento dar aula: a paixão, a morte, a busca do autoconhecimento, a amizade, a alegria, os afetos, a felicidade, a astúcia, o ardil, os sonhos, a dupla existência da verdade, a relatividade das coisas, a injustiça, o interesse pessoal versus o coletivo, o livre-arbítrio, a passagem inexorável do tempo, o paradoxal, o conflito entre o velho e o novo etc.

(...)

Assuntos como esses, humanos, banais e cotidianos, simplesmente não cabem em lições e só permitem especulações e troca de impressões. Seriam esses, entre outros e numa simplificação, justamente os assuntos e temas peculiares à literatura. Se há uma ‘utilidade’ da literatura na escola, muito mais que ensinar gramática e coisas assim, é a de possibilitar, no plano da expressão, o contato do leitor com uma linguagem expressiva, renovadora e poética e, no plano do conteúdo, a discussão de temas que, no fundo, acabam sempre especulando sobre a construção do significado da existência.”

Ricardo Azevedo, em <http://www.ricardoazevedo.com.br/>

PUXANDO CONVERSA COM OS ALUNOS

O livro de algum autor ou ilustrador que faz parte deste acervo mudou sua história de vida? Que significado a leitura da literatura infanto-juvenil teve para você? Você pode compartilhar suas reflexões no site, usando a ferramenta “Comentários”, disponível em todos os depoimentos.

OBSERVE

Você costuma fazer leitura de livros para a sua turma? Já reparou que cada um se comporta de um jeito diferente ao ouvir determinadas histórias? Alguns ficam em silêncio e extremamente atentos, outros inquietos, e tem sempre aqueles que pedem para ouvir a mesma história uma porção de vezes.

No site, leia a entrevista de Lia Zatz. Ela fala sobre quando foi a uma escola falar sobre o livro Suriléia, Mãe Monstrinha e um dos alunos perguntou: “Cadê o pai?”

Artistas e outras artes: sugestões para leitura

Edmir Perrotti compara a descoberta da música à descoberta da literatura. Outros entrevistados do Projeto Memórias da Literatura Infantil e Juvenil também falaram sobre sua relação com as artes quando ainda eram crianças. Vamos acompanhar alguns trechos de suas memórias:

“Desde criança eu sou cinéfilo. Em Poços, de manhã, eu ia na sessão Zig-Zag; à tarde, na sessão da matinê, e matinê sempre passava um desenho animado, passava o seriado, que continuava no outro domingo. Essa foi a minha formação, uma formação de imagem. Pra mim foi ótimo, e com muita música também. Os desenhos animados sempre têm uma música. (...) Cinema pra mim é fundamental.”

Walter Ono

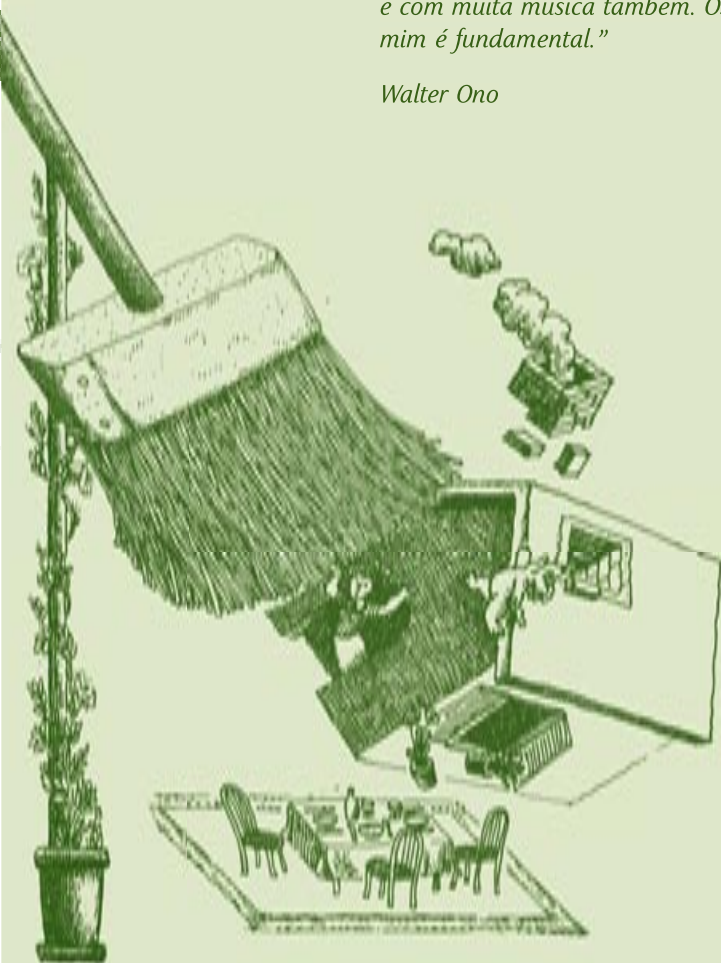
“Ele era um tremendo contador de histórias. Mais tarde eu vi que, às vezes, tinha uma história que era das Mil e Uma Noites, outra do Decameron, umas histórias que depois eu li. Mas ele vinha de uma tradição oral também. Era um negócio impressionante: ele era tudo. Ele tocava flautinha, ia contando a história e se tornando o próprio protagonista. Tinha uma coisa, ele interagia com a gente de uma forma incrível.”

Michelle Iaccoca

“O meu pai era dono de açougues em Bagé [RS]. Ele tinha três açougues em Bagé e um em Bernardo [RS], pra engordar gado pra esses abatedouros. Ao mesmo tempo, tinha um teatro, uma casa de espetáculo. Passavam muitas companhias de variedades por lá, companhias itinerantes. Meu contato com o teatro foi muito intenso, inclusive nos bastidores.”

Edy Lima

Leia esses depoimentos na íntegra no site.



Literatura infanto-juvenil, arte e política

E a literatura infantil e infanto-juvenil? É literatura ou trata-se de um trabalho menos elaborado? É mais fácil escrever para crianças?

Na década de 1970, muitos escritores brasileiros foram perseguidos, seus livros foram considerados inadequados e retirados das livrarias. Naquele contexto histórico, os autores de literatura infanto-juvenil aproveitaram o fato de seus textos serem considerados “inocentes” para enfrentar um dos períodos mais duros e repressores da história do Brasil e agir politicamente. É o que nos conta a crítica Laura Sandroni:

“A censura foi sempre burra e mais burramente ainda achava que literatura infantil era uma coisa que não tinha a menor necessidade, nem de ler, nem de chegar perto, porque era uma babaquice, era uma coisa com criança. E os escritores passaram a fazer nos livros infantis o que eles não faziam na literatura adulta. Como a Ruth Rocha, que fez logo a trilogia dos reis: O Reizinho Mandão, O Rei Que não Sabia de Nada ou Uma História de Rabos Presos, vários livros em que ela falava de forma muito engraçada, muito adequada às crianças e falava contra o autoritarismo, que era o que estava campeando no país.”

Como definir o que é arte?

No *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa*, um dos significados que temos é: “produção consciente de obras, formas ou objetos voltada para a concretização de um ideal de beleza e harmonia ou para a expressão da subjetividade humana”.

Mas como legitimar uma obra? Por que a literatura dita adulta foi mais valorizada que a literatura infanto-juvenil?

Durante muito tempo, a forma como os militares brasileiros enxergavam a literatura infanto-juvenil foi compartilhada por alguns intelectuais e críticos que opunham o gênero a um tipo de literatura “dita séria”, a literatura adulta. Nelly Novaes Coelho se lembra dessa época, em que os textos dedicados ao público infanto-juvenil eram classificados como “menores”, pouco merecedores de crítica ou análise.

“A literatura pra criança foi sempre, com exceção, por exemplo, do Lewis Carrol, que escreveu Alice no País das Maravilhas, uma literatura didática, era pra obedecer, era pra transmitir para as crianças os valores da sociedade cristã, liberal, burguesa. Então, era uma literatura menor.”

Essa imagem da literatura infanto-juvenil como menos relevante foi vivenciada como uma angústia pela escritora Marina Colasanti. No momento em que ela começou a escrever *Uma Ideia Toda Azul*, o fato de que o gênero, em especial os contos de fadas, ser considerado pouco importante pelas editoras, a fez mergulhar em uma série de preocupações.

“Me lembro muito claramente quando eu comecei a escrever e disse: ‘Marina, você é muito louca! Eles não vão gostar disso, ninguém vai querer isso! Ninguém vai querer editar, vão dizer que isso é conto de fada, que isso é coisa de criancinha, que isso já era, que isso é muito derramado e ninguém vai querer. Você é muito doida, para com isso!’”

Mas por que o gênero literário era tão desvalorizado naquela época?

A literatura infanto-juvenil surgiu na Inglaterra, durante a Revolução Industrial. Era um contexto marcado pelo crescimento das cidades e do comércio, em que a escola passou a ser obrigatória. Aos livros era atribuída uma missão formadora: deviam transmitir conhecimento, moral e costumes e preparar os pequenos para o mundo adulto, para a sociedade burguesa.

Antes disso, na França, já haviam sido publicadas as fábulas de La Fontaine e os contos da Mamãe Gansa, de Charles Perrault, mas originalmente essas obras não eram destinadas exclusivamente às crianças.

Vinculados à escola, os autores estavam sujeitos às oscilações do mercado. Quer dizer, precisavam escrever coisas que as pessoas (e as escolas) gostassem e comprassem bastante. De acordo com os teóricos que contrapõem a literatura infanto-juvenil à literatura adulta, isso interferiria na composição de uma legítima obra de arte.

“Permeável às injunções do mercado e à interferência da escola, aquele gênero [a literatura infanto-juvenil] revela uma franqueza a que outros podem se furtar, graças a simulações bem-sucedidas ou a particularidades que os protegem de uma entrega fácil à ingerência de fatores externos. É essa sinceridade, resultante, todavia, de uma opção mercenária, que o torna constrangedor: de um lado, porque tantas concessões interferem com frequência demasiada na qualidade artística dos textos; de outro, porque denuncia que, sem concessões de qualquer grau, a literatura não subsiste como ofício. Deixa claro que a liberdade de criação é relativa, e que é enquanto relatividade – fato que abre lugar para a mediação do leitor e/ou do público no processo de elaboração de um texto – que a literatura conquista seu sentido, pois somente assim se socializa, convivendo com aspirações comunitárias.”

Marisa Lajolo e Regina Zilberman, em Literatura Infantil Brasileira – História e Histórias

Essa teoria baseava-se na ideia de que crianças e jovens não estavam preparados para a apreciação completa da literatura ou de qualquer outro gênero de arte, que não seriam plenamente capazes de interagir, nem de perceber sutilezas e inovações da linguagem, características atribuídas à literatura como criação artística, à literatura dita “séria”, adulta.

Em questão

Será que há um momento em que as crianças atingem a maturidade e, então, podem começar a ler livros de literatura? E a classificação dos livros por faixa etária? É necessário determinar – ou até mesmo censurar – o que as crianças deverão ler em cada fase da vida, mesmo que todos sejam livros de boa literatura? Vejamos o que alguns escritores e teóricos têm a dizer a esse respeito:

“Quando eu escrevo pra adulto, é o mesmo jeito que eu escrevo pra jovem. Tô atento praquela dimensão literária. (...) A voz do narrador é muito distanciada da voz da criança ou do jovem. Então, na boa literatura infanto-juvenil existe uma ação maior em unir as vozes do narrador com a voz da criança ou do jovem. Provocar o encontro mesmo desse mundo. Não é que você olha o mundo e faz muitas concessões. De jeito nenhum. Você tem um jeito mais econômico de escrever e você fala direto com eles. Mas o mundo que você leva, os temas são universais, são os mesmos. O que você vai falar com as crianças? De amor, de solidariedade, de ódio, de morte, de frustração, de violência.”

Jorge Miguel Marinho

“A arte pura (...) requer, para ser saboreada, maturidade da mente, exercício de atenção e experiência psicológica. O sol esplêndido da arte não pode ser suportado pelos olhos ainda débeis da criança e do adolescente. (...) Para eles são adequados certos tipos de livros que têm algo de artístico, mas contêm elementos extraestéticos, curiosidades, aventuras, ações audazes e guerreiras.”

Benedetto Croce, citado por Teresa Colomer na obra
Andar por entre Livros



“E só a forma como eles demonstram isso, de criticar o que você faz, é um retorno. Como numa escola em que eu fui. Um menino estava muito bravo comigo porque no vermelho eu nem citei o Papai Noel. Então isso que é legal: o cara parou para pensar. Ele foi além do que é só ler e fechar o livro. Eu tenho um poema do amor que teve uma menininha que também questionou como é que o sorvete pode representar o amor?”

Lázaro Simões Neto, escritor e ilustrador



Para a pesquisadora espanhola Teresa Colomer, o itinerário das leituras se amplia e se torna mais complexo conforme as crianças crescem. Mas isso não significa que precisem esperar para desfrutar da experiência literária: “É a sua participação em um ato completo de comunicação literária o que lhes permite avançar por esse caminho.”

Em contato com as narrativas, jovens e crianças tomarão conhecimento das diferentes estruturas textuais; reconhecerão semelhanças e diferenças entre narradores e pontos de vista diversos; vivendo situações por meio dos personagens.

Literatura infanto-juvenil x literatura adulta

“Se a literatura infantil revive os mesmos problemas de produção que envolvem toda criação poética, encará-la como uma área menor da teoria e da prática artística significa ignorar seus reais problemas em favor de um propósito elitista, que tem como meta garantir a primazia da condição adulta. E significa ignorar também os reais problemas da própria teoria literária, na medida em que a literatura infantil oferece um campo igualmente válido, ao reproduzir, nas obras transmitidas às crianças, as particularidades da criação artística, que visa à interpretação da existência que conduza o ser humano a uma compreensão mais ampla e eficaz de seu universo, qualquer que seja sua idade ou situação intelectual, emotiva e social.”

Teresa Colomer, em A Formação do Leitor Literário

“Eu me lembro que tinha uma história... ‘quem não obedece seu papai, um dia balança e cai’. Eu me lembro da fotografia do menino caindo pra trás. Era um dos livros antigos. Obediência absoluta. Era um indivíduo de exceção que conseguia se realizar e pronto, independente do outro. Coisa que é um absurdo, se você se realiza e o outro não, você está perdido.”

Nelly Novaes Coelho

Ainda que o surgimento da literatura infanto-juvenil esteja ligado a uma intenção didática – indicar o certo e o errado, alertar para os perigos do mundo e moldar comportamentos –, já no século XX, entre os autores brasileiros do gênero, a expressão artística prevalecia na elaboração de textos. O escritor Monteiro Lobato foi pioneiro, seguido pela geração de autores que cresceu lendo as aventuras de Emília e da turma do Sítio do Picapau Amarelo. Seu pioneirismo se transformou em uma herança para as gerações de leitores de suas obras, como revela a escritora Ana Maria Machado:

“A gente estava começando já em pé nos ombros de um gigante, que era Monteiro Lobato. A gente via de cima uma porção de coisas que outros países tiveram que enfrentar depois: se livrar do moralismo, da mensagem, da criança obediente que tem que dar bom exemplo, da ideia de que tudo tem que ser fácil, senão a criança não entende. O Lobato já tinha mostrado que não era assim, a gente já começava falando pra uma criança inteligente, que podia entender aquilo. Quando éramos crianças, tínhamos entendido, então é claro que os outros podiam entender.”

A percepção da literatura infanto-juvenil como um gênero menor e não-artístico revela uma atitude que subestima a inteligência e a capacidade de compreensão dos leitores mais jovens. Uma postura que leitores como Tatiana Belinky não aceitam:

“Não tem isso de ‘isso pode, isso não pode. Isso é bom, isso é mal’. Eu, de menina, odiava, gostava de fábulas e odiava a moral da história. Não quero que me digam o que eu devo entender. Para que tenho cabeça? Vou entender o que entender. E do jeito que eu entender. Se tiver que mudar de ideia eu mudo. Só os burros e os mortos não mudam de opinião. De resto, cada livro é tantos livros quantos leitores. Isso eu falo pras crianças. Cada cabeça é diferente da outra. Cada um lê do seu jeito. E, ainda por cima: cada livro é tantos livros quantas vezes você o relê. O mesmo livro que você lê, digamos, aos 12 anos, você o relê aos 20, é outro livro e você, outra pessoa. Então, o livro é uma riqueza que não tem fim.”

O casamento entre duas artes: texto e imagem

O que vem primeiro? O texto ou o desenho? E qual é a função do desenho em um texto? O ilustrador interfere na história ao materializar com traços e tintas as palavras do autor? O que ele desenha é a história ou uma versão da história? O texto limita o potencial criativo do ilustrador, que recebe a história pronta?

O ilustrador Eliardo França é casado com a escritora Mary França. Eles trabalham juntos: Mary escreve, Eliardo desenha. E juntos eles lançaram a Coleção Gato e Rato, no finalzinho da década de 1970, pela qual receberam vários prêmios.

“Eu conheci a Mary em 1963... tem um tempinho. Eu brinco dizendo que eu conheci a Mary num baile fantástico, todo mundo de black-tie e longos e champanhe e rosas e violinos. Mas a verdade não foi essa. Eu conheci a Mary num baile de carnaval.”

O casamento de Mary e Eliardo é um casamento em duplo sentido: na vida e na criação artística. Mas será fácil o casamento das duas artes numa mesma página? Será fácil o diálogo entre o escritor e o ilustrador?

A questão é polêmica e inesgotável. A escritora Marina Colasanti, por exemplo, prefere ilustrar ela mesma suas histórias.

“Só quem pode ilustrar meus contos e até hoje, além de mim, é o Grassmann, maravilhoso gravador! Eu disse a ele, porque a gravura do Grassmann é a alma gêmea dos meus textos. (...) Quando eu vou desenhar é uma outra realidade, é uma questão gráfica, são espaços, eu não estou lidando com representações. Eu não tenho que contar uma história, eu não tenho mais que contar uma história, esse é o ponto-chave. A tentação é contar história, a tentação sempre é você estar contando a história. ‘E aí o dragão comeu o carneiro...’ você bota um carneiro, um dragão. Não, não! Não pode ser isso. Às vezes você cai em tentação e faz isso, mas não é para ser. São elementos, é isso que é a dificuldade. Quais elementos?” Marina Colasanti

Já Ana Maria Machado quer sempre saber quem será o ilustrador de sua obra:

“São tantas relações quanto são os livros. Não é nem quantos são os ilustradores, isso não tem nada a ver com o fato de o ilustrador ter qualidade ou não. Às vezes, é um ilustrador maravilhoso, que eu gosto muito, que em outro livro já funcionou muito bem e de repente naquele não. Mas o que eu gostaria de dizer mesmo é que está cada vez melhor. O crescimento da ilustração brasileira é uma coisa fantástica nos últimos tempos, da mesma forma que nos anos 80 a gente assistiu à explosão do texto. (...) Hoje em dia não tem mais um único caso de um editor que escolhe um ilustrador sem falar comigo, sem me botar em contato com ele. Mas isso era muito comum quando eu comecei. Eu só via depois de pronto.”

Para o casal França, a tarefa em dupla se realiza de maneira mais fluida, uma verdadeira criação a quatro mãos:

“A gente discute primeiro as ideias. Às vezes, ele que teve a ideia central do livro. Depois que a história está formada, a gente faz algumas anotações. Eu faço o texto, fazemos uma bonequinha e passo o texto pro Eliardo desenhar. Mas, sempre no meio do caminho, o Eliardo faz um desenho e a gente muda. ‘Eu tinha pensado em outra coisa’ ou o contrário. Eu escrevo o texto e ele diz: ‘Não, aqui eu imaginei isso, e ali que fosse fazer aquilo.’ Aí a gente vê quem tem razão. O livro é uma parceria mesmo.”

No caso de Luís Camargo, o texto nem sempre foi escrito antes do desenho:

“A minha primeira experiência com criança como professor foi numa garagem. Uma colega falou: ‘Você não quer dar uma aula de artes lá pros nossos filhos?’ Aí reuniu os filhos de várias colegas. Vi que as crianças gostavam de inventar histórias enquanto desenhavam. Aí eu falei: ‘Que ideia interessante, vou fazer isso também.’ Minhas primeiras histórias nasceram como desenhos. Fiz primeiro os Pregadores do Rei João, uma série de desenhos, depois é que fui inventar a história. O Maneco Caneco Chapéu de Funil eu inventei primeiro o boneco como desenho.”

Compare edições

Às vezes, um mesmo texto é ilustrado por diferentes artistas. Escolha um título com várias edições e compare como você lê a história em cada um dos casos: que tipo de reações cada estilo desperta em você? Pense também sobre os materiais, cores, traços e, principalmente, símbolos que cada um escolheu para representar aquela história. Veja o que a autora Ana Maria Machado diz sobre ilustrações diferentes para um mesmo texto:

“É muito difícil ilustrar uma tiririca, e A Jararaca, a Perereca e a Tiririca teve a edição do Walter Ono, que fez uma tiririca ótima; depois a Graça Lima fez uma tiririca maravilhosa, e agora o livro vai ser lançado em espanhol e a Rosana Faria fez uma tiririca também absolutamente maravilhosa. Todas as três diferentes.”

“Muito mais do que apenas ornar ou elucidar o texto, a ilustração pode representar, descrever, narrar, simbolizar, expressar, brincar, persuadir, normatizar, pontuar. (...) Se entendemos que a ilustração é uma imagem que acompanha o texto e não seu substituto; e se entendemos que a relação entre ilustração e texto não é de paráfrase ou tradução, mas de coerência, então, abre-se para o ilustrador um amplo leque de possibilidades de convergência com o texto”.

Luís Camargo. Trecho do artigo “A relação entre imagem e texto na ilustração de poesia infantil”

Para que literatura na escola?

Ao narrar suas histórias de vida, alguns autores e ilustradores entrevistados pelo Projeto Memórias da Literatura Infantil e Juvenil comentaram o uso das narrativas em sala de aula e em diversas situações pedagógicas. O que eles têm a dizer sobre o assunto? Como suas reflexões podem incrementar o diálogo entre alunos e professores sobre literatura e estimular práticas de leitura nos espaços de educação? Acompanhando o discurso de alguns autores sobre o tema é possível encontrar respostas diversas a essas questões. Não se trata, aqui, de estabelecer parâmetros para o uso da literatura infanto-juvenil na escola, mas de ampliar o debate sobre o papel desse gênero literário na educação.

Nesse sentido, dois temas quase inevitáveis do debate são a leitura por obrigação e as atividades que se realizam a partir dela. Em geral, a leitura de livros de literatura se insere no contexto da escola como ponto de partida para uma série de atividades pedagógicas: estudo da gramática, aprendizagem da análise sintática, apresentação de um seminário, redação de uma resenha, produção de um cartaz, invenção de um jogo, composição de uma música... Em meio a tantas atividades, a mensagem que fica é a de que a leitura em si não é suficiente para que as crianças e jovens absorvam todos os significados do texto. Quem fala sobre isso é o escritor Pedro Bandeira:

“Por que uma pessoa tem que ler por obrigação e depois tem que ter aula de gramática sobre uma poesia? Uma poesia como aquela minha ‘Gente grande é tão chata. Eu já não aguento mais. Cada vez que aquela dona aparece lá em casa sei que vou me aborrecer. Vai dizer: como está grande! Vai dar beijo lambuzado, beliscada na bochecha e tapinha no traseiro. Ah, eu um dia desses vou fazer como ela faz. Beliscar a cara dela, dar-lhe um tapa nos fundilhos e dizer com um sorriso: Deus do céu, como está gorda!’ Eu não faço isso pra aulas de gramática, faço isso pras crianças se divertirem e é assim. A visita é chata, a visita despenteia o cabelo das crianças, dá tapa na bunda. Você acha que a criança gosta disso? Belisca a bochecha. Você acha que eu fiz pra uma aula de gramática? Não, eu fiz pra mostrar como a poesia é gostosa, como é divertido, como é bom, como me fez bem, como foi gostoso.”

As reflexões de Pedro Bandeira sugerem alguns questionamentos: a leitura dos livros de literatura deve ser apenas entretenimento? A literatura dentro da escola, associada a atividades de interpretação e releitura, inibe os futuros leitores?

O sociólogo francês Marc Soriano, citado por Nelly Novaes Coelho no livro *Literatura Infantil*, argumenta:

Ela pode não querer ensinar, mas se dirige, apesar de tudo, a uma idade que é da aprendizagem e mais especialmente da aprendizagem linguística. (...) Se a infância é um período de aprendizagem, (...) toda mensagem que se destina a ela, ao longo desse período, tem necessariamente uma vocação pedagógica. A literatura infantil é também ela necessariamente pedagógica, no sentido amplo do termo, e assim permanece, mesmo no caso em que ela se define como literatura de puro entretenimento, pois a mensagem que ela transmite então é a de que não há mensagem, e que é mais importante o divertir-se do que preencher falhas.

Veja a opinião do escritor Ricardo Azevedo sobre o uso dos livros de literatura na escola:

“Quando publiquei o meu primeiro livro, eu não sabia nada sobre o universo da literatura infantil e muito menos que livros eram vendidos pra escolas. Eu não tinha ideia que funcionava assim; eu achava que livros eram vendidos na livraria, e [quase] nem existe livraria no Brasil. Eu não sabia de nada disso, eu fiquei chocado quando me dei conta da realidade onde eu estava entrando, que, na verdade, os livros que eu escrevia, se não houvesse as escolas, seriam impraticáveis. Esse contato com a escola foi chocante pra mim, porque eu me vi diante de uma realidade outra, complexa; eu percebi que as pessoas usavam mal aqueles livros, didatizavam.”



RODA DE IDEIAS

E você? O que pensa sobre o uso dos livros de literatura na escola? Que tipos de atividades podem ser desenvolvidos? Participe do nosso fórum no site.

Para ir além...

No Brasil, uma revolução na literatura infanto-juvenil

“Li, da Fernanda Lopes de Almeida, A Fada Que Tinha Ideias, então você vê que era a reação contra o já estabelecido. Eu percebi que era uma nova literatura. É que os valores humanos de liberdade do ser, de consciência da palavra, enfim, da relação eu e o outro estavam maduros o suficiente. Aqueles valores novos [da arte modernista, no começo do século XX] já estavam suficientemente maduros para permitir que o criador que fosse escrever para criança usasse esses valores.”

Nelly Novaes Coelho

A partir dos anos 1970, a literatura infanto-juvenil brasileira passa por uma transformação e um fortalecimento. Até então, as traduções de livros infanto-juvenis estrangeiros eram predominantes, trazendo consigo valores e modos de ver o mundo que eram típicos de outros contextos, como conta o ilustrador Eliardo França:

“Pouca gente estava publicando livro para criança. O que a gente tinha era importado. As editoras importavam os fotolitos e faziam uma adaptação do texto. Tinha as histórias clássicas, mas muito malfeitas. Na verdade, muito comerciais. Vinham principalmente da Espanha. A Espanha era a China dos livros infantis, exportavam toneladas. Chapeuzinho Vermelho, a Branca de Neve, mesmo as histórias do Andersen, mas era tudo adaptado, um desenho cafona. Pegava aquelas histórias e alguém fazia uma adaptação daquilo. Era isso que a gente tinha para criança pequena.”

O investimento de editoras em obras de novos autores e ilustradores nacionais mudou esse cenário e atraiu estudiosos para as peculiaridades da literatura infanto-juvenil brasileira. Em meados dos anos 1960, começaram a aparecer projetos e associações de fomento à literatura infanto-juvenil, como a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, de 1968.

“Os anos 1970 assistem a uma reformulação completa do Instituto Nacional do Livro (INL), que passa a bancar número considerável de coedições. (...) A partir de então, o Estado dá seu apoio à iniciativa privada, não mais favorecendo autores, mas grandes editoras, numa atitude análoga à que assume frente a vários outros ramos da indústria brasileira.”
Marisa Lajolo e Regina Zilberman, Literatura Infantil Brasileira

Para saber mais sobre a literatura infanto-juvenil brasileira na década de 1970, explore o site. Oriente-se pelas seções.

Em “Biografias”:

Maristela Petrilli, editora do catálogo de livros infantis e juvenis da Editora Moderna, fala sobre o mercado:

“Em 1978, 1979, já estava havendo o boom da literatura infanto-juvenil, já começava aquela ebulição no mercado, porque, por meio da Lei de Diretrizes e Bases, teria que existir autor nacional nas escolas. Para o mercado editorial se abre um leque fantástico de possibilidade de trabalho.”

Walter Ono, ilustrador, comenta a importância da renovação literária durante a ditadura militar:

“Ali é que começou o primeiro clássico, na época da ditadura, que foi O Reizinho Mandão, da Ruth Rocha. Eu tive a sorte e o prazer de ter feito as três edições. Depois, ela fez uma série de reis, até aquele livro dela sobre O Rei Que Não Sabia de Nada, com que ela foi premiada. O Geisel entregou um prêmio pra ela, e ele perguntou pra Ruth: ‘O rei sou eu?’”

Ruth Rocha, a escritora de *O Reizinho Mandão*, relata como foi o começo da revista *Recreio*, publicação da editora Abril que revelou autores durante 1970:

“O projeto da revista Recreio é da Sonia Robatto. A Sonia Robatto e o Valdir Gaiara, que era ilustrador, os dois se juntaram e fizeram um projeto. A Sônia, na época, escreveu oito histórias pra Recreio, porque ela não achava gente que escrevesse. Ela me achou e me fez escrever pra ela, e achou a Ana Maria Machado, fez a Ana Maria escrever pra ela, e achou o Joel Rufino dos Santos, fez o Joel escrever pra ela. Muitos anos nós escrevemos pra Recreio porque ela estava atrás de um texto mais cotidiano. Histórias mais do cotidiano, histórias mais dos problemas infantis, sem moralismo, mas que tivessem uma certa base.”

Nelly Novaes Coelho conta como a literatura infanto-juvenil passou a ser ensinada e discutida dentro da universidade.

Em “Linha do tempo”:

Cada fato é complementado por trechos de depoimentos de quem viveu a década de 1970 e acompanhou o boom da literatura infanto-juvenil brasileira. Identifique as obras e os autores que fizeram a diferença nesse período da história.



capítulo 4

Memória e ficção

“Eu uso pouco da minha vida pessoal nos meus livros. Meu negócio é ficção, não é contar a minha história. Uma história, uma obra de literatura, ela tem tanto de realidade quanto o pão tem de farinha. Quer dizer, você pega a farinha, bota leite ou bota água, dependendo da receita, margarina ou manteiga, ovo, sal, tempero ou não tempero, sova, sova, sova o fermento, deixa crescer, bota no forno, tira do forno e tem o pão. O pão tem farinha? O pão tem farinha, mas não é farinha. A ficção tem realidade, mas não é a realidade.”

Luiz Antonio Aguiar

No primeiro capítulo desta publicação – “Histórias de pessoas” – você mergulhou em algumas discussões sobre memória e história oral. Quem são os autores da literatura infanto-juvenil brasileira? Mais do que fazer análises sob a luz da teoria literária, re-presentar a história oficial e seus marcos já estabelecidos, listar prêmios e obras, perguntamos: quem está além do personagem que se chama “autor”? Que histórias contam Tatiana, Ruth, Pedro, Marina, Jorge, Ricardo?

Você descobriu que, sejam quais forem, essas histórias aparecem, de forma objetiva ou subjetiva, no trabalho dos artistas. A história pessoal pode ser contada, no caso dos escritores, numa autobiografia. O autor – como em uma entrevista de história de vida –, ao escrever o livro, seleciona o que vai contar, que aspectos vai destacar e quais ficarão de fora. Também pode misturar fatos da “vida real” com ficção para compor uma narrativa.

Como a leitura da história de vida do artista amplia nossa visão sobre sua obra?

*“O pão tem farinha, mas não é farinha.
A ficção tem realidade, mas não é a realidade.”*

O escritor Luiz Antonio Aguiar diz que usa poucas referências diretas da vida pessoal em seus livros. Mas sabe que sua literatura não pode ser outra coisa senão resultado de suas experiências e da forma como ele aprendeu a viver no mundo. A arte se faz quando esses temas da vida particular – da memória pessoal que nos preocupamos tanto em registrar – trazem à tona questões universais.

De que maneira as idiossincrasias de cada um aparecem nas obras literárias? Como o conhecimento da história de vida de um artista pode contribuir para a leitura dos livros escritos/ilustrados por ele? Para responder a essas questões, não basta estabelecer relações elementares de causa e consequência, de explicação e interpretação das histórias

Foi certa a resposta de Tatiana Salem Levy ao escritor Cristóvão Tezza, em entrevista mútua publicada pelo suplemento da Livraria da Vila (Vila Cultural, número 56). Diz a escritora: “Quanto à fronteira entre literatura e biografia, se entendermos esta como um simples desenrolar de fatos, a fronteira é enorme. Mas se entendermos a biografia de forma menos fatal, no domínio da experiência, da sensibilidade, aí não existe fronteira.”

que parecem satisfatórias, mas nem sempre são verdadeiras. Por exemplo, será que Tatiana Belinky se tornou escritora apenas porque seu pai era um leitor voraz, tinha uma grande biblioteca e a estimulou a ler e a declamar grandes obras da poesia universal?

Quantas pessoas em diferentes lugares do mundo tiveram uma infância semelhante à de Tatiana Belinky ou de outros autores que fazem parte deste acervo? No entanto, isso não determinou que se tornassem artistas.

Para refletir sobre as muitas linhas que ligam a obra ao autor, vamos voltar ao terceiro capítulo desta publicação: literatura é arte e, enquanto tal, fala sobre experiências de pessoas. Conhecer a história de vida de Ruth, Anna, Ricardo, Jorge, Tatiana, Fanny e Lázaro, portanto, amplia o conhecimento sobre a experiência de vida condensada em seus textos e desenhos, amplia as possibilidades de leitura de velhas e novas narrativas.

Neste painel que encerra nossas reflexões, apresentamos os depoimentos de alguns autores sobre livros que fazem referência direta à sua história de vida.

A história de um livro: *Bisa Bia, Bisa Bel*, Ana Maria Machado

Vou contar a história de Bisa Bia, Bisa Bel, porque de todos é o maior sucesso, é um livro que vem muito de dentro de mim, um livro que já vendeu 2 milhões e meio de exemplares, foi traduzido. É difícil dizer exatamente como surgiu, mas primeiro começa a ter um pensamento assim: “Puxa, eu nunca escrevi sobre a vovó Ritinha”, os meus filhos não sabem como ela era. Ela morreu antes deles nascerem.

Eu fui a uma escola em Belo Horizonte e tinha uma menininha de trancinha que toda hora levantava o dedo e todas as perguntas dela, ela fez três ou quatro perguntas, todas começavam assim: “Sabe?” Eu achei engraçadíssimo. Depois teve um dia uma bienal em São Paulo, eu fui em São Paulo na bienal, estávamos numa mesa-redonda eu e Ruth, e eu estava hospedada na casa dela.

Nós saímos de noite pra ir pra mesa-redonda, o Eduardo, marido dela, ficou tirando o carro da garagem e nós duas esperando na portaria. Em frente da casa dela tinha um açougue – em São Paulo se chama casa de carnes, embora também se entenda quando diz que é açougue. Pra mim é um estranhamento falar “casa de carnes”, não é a palavra que eu uso. Esse açougue tinha um cartaz em neon que tinha escrito Casa de Carnes Coração de Maria, no meio tinha desenhado um coraçãozinho em neon cor-de-rosa, com rosinhas em volta em neon lilás e escrito em neon verde Casa de Carnes Coração de Maria. Eu

olhei aquilo e não acreditava naquela coisa kitsch que meus olhos estavam vendo, não era possível ter um açougue chamado Coração de Maria com as rosinhas e piscando. Fiquei fascinada com aquilo.

Na casa da Ruth, antes de ir, era o lugar que eu ficava sempre quando ia a São Paulo, mas dessa vez ela tinha feito uma reforma qualquer, mudou os móveis de lugar e criou um cantinho que tinha uma mesinha com alguns objetos antigos. Em cima e na parede ela pôs fotos dos avós dela, os tios, fotos de família. Fiquei olhando com muita atenção. Meus dois filhos – são os dois mais velhos – são sobrinhos dela, aqueles antepassados dela eram antepassados também do Rodrigo e do Pedro. Uma das fotografias estava na moldura oval.

Depois eu saí pra mesa-redonda, dormi mal e acordei às duas horas da manhã, uma coisa assim, sem saber onde estava. Aí, de repente, lembrei o sonho que tinha tido. Eu tinha sonhado que, no lugar do meu coração, tinha um buraco oval que piscava, e dentro tinha uma foto da vovó Ritinha. E foi tão forte, tão nítido, que até escrevi um pouco, para não esquecer do sonho.

Passaram mais uns meses e teve um dia que eu estava com muita dificuldade de escrever. Estava ali, naquele tempo na frente da máquina, “O que eu vou escrever?”. Lembrei da menininha e escrevi “Sabe?”. Passei pra outra linha. O que eu vou contar? O engraçado da menina é que ela não contava nada. Aí eu disse “Sabe, vou lhe contar uma coisa de quem ninguém desconfie”, e coloquei dois pontos. O que eu vou contar? Aí embatuei, pensei: “Por que estou tão sem ideia, por que não tenho nada pra contar? Por que não consigo tirar a Bia da minha cabeça?” – a Bia é minha irmã, que estava doente, uma coisa grave, e eu estava absolutamente sem ideias porque era a única coisa que eu tinha. Depois de dois pontos, aqui eu estou inteiramente tomada pela Bia, meu coração está não sei o que, qualquer coisa que vai assim. E aí, quando falei alguma coisa tipo “A Bia está no meu peito”, eu lembrei da história da vovó Ritinha. Aí eu já troquei, apaguei – naquele tempo não apagava, botava x na frase inteira – e pus. “É que diz a Bia que mora comigo, bem dentro de mim”, porque a minha vó era bisavó dos meus filhos, então eu ia contar finalmente a história, uma história com a vovó Ritinha. Botei o nome da Bia, que era minha irmã e, a partir do momento que dei nome a esse personagem e que pus essa situação, o livro se escreveu. Aí foi, veio a energia da onda, foi descer nela. Houve momentos que chorei muito enquanto escrevia. Esse livro foi um livro difícil, chorei de saudade da minha avó. E ao mesmo tempo muita mistura com a Bia, pelo nome. Eu acho que deu isso, misturei lembranças da minha infância, outras coisas, e o livro foi indo.

A Vila Madalena dos loucos e dos artistas: Anna Flora

Era um bairro que parecia uma cidade caipira, assim, igual Piracicaba nos anos 1960. Tinha procissão, tinha os velhinhos portugueses. A festa de São João era na rua e tinha quermesse na Igreja do Calvário, e tinha lojinha e padaria; não existia supermercado naquele tempo. Então eu fui vendo o bairro mudar, foi muito legal. Até quando teve a mudança no bairro eu fiz o livro Os Argonautas, que é sobre a Vila Madalena junto com a campanha da anistia. E eu fiz o livro. Eu vou na mitologia grega e misturo com o mito dos argonautas com a história da Vila Madalena e a campanha pela anistia que foi nos anos 1970. Principalmente, porque a Vila abrigou uns jornalistas importantes, porque eram os jornais que combatiam a ditadura e eram uns jornalistas que eram muito perseguidos pelo Dops, pela polícia.

Tinha o louco do bairro. Era um guardinha que comandava um trânsito invisível e todos os moleques corriam dele. Ele vinha muito quando tinha campeonato de futebol, e ficava apitando o jogo. Ele tinha um apito e ele apitava tudo: o trânsito, o jogo. Às vezes, ele queria comandar o tráfego, porque não tinha tanto trânsito na Teodoro. O apelido dele era “guardinha louco” e a gente corria dele, a gente chamava: “guardinha louco” e, quando ele vinha, a gente corria. Aí eu fiz O Louco do Meu Bairro, que era sobre ele.

Em 1975, fui morar no Jardim Paulista, na Alameda Santos, num apartamento. Então, lá eu já não tive essa vivência tanto do bairro como eu tinha. Tanto é que é uma coisa interessante; quando eu escrevo sobre a minha infância, vem muito mais o bairro daqui do que o da minha adolescência.



Caratinga é um amor imenso: Ziraldo

Eu nasci em 32; fui com três anos pro Lajão, e é a memória mais antiga da minha vida, que eu fui na cabeça do arreio do meu avô, e a mamãe e o papai, todo mundo no cavalo, e as mulas com a mudança. Eu nunca vou ter certeza se eu lembro ou se a mamãe contava, mas, de qualquer maneira, toda vez que eu ouvia o tamborilar da chuva lá no telhado, eu sentia aquela coisa que depois foi descrita como proustiana de sentir uma felicidade, um bem estar, assim uma sensação de proteção. A capa gaúcha cobria o sujeito e cobria a bunda do cavalo, cobria tudo, você ficava debaixo da capa gaúcha e era uma peça só. E eu estava muito protegido, quentinho com o meu avô. Como eu era o primeiro neto, imagine a paixão – eu depois compreendi isso quando eu tive a minha neta Nina; eu fiz até um livro chamado O Menino e o Seu Amigo, que é a paixão do avô. Até ele morrer, eu tinha 45 anos, eu tinha esse avô. Eu era o único da minha geração que ainda tinha avô, e eu ainda era o xodó dele.

Eu brincava de guerra de mamonas, brincava de estradinha. Como tinha muito terreno baldio, muita beirada de morro, de pasto, a gente tinha uns matinhos chamados vassourinha, que parecia árvore, parecia bonsai, então eu ficava procurando matinho que parecia bonsai e a gente fazia um barranco, fazia estrada, fazia terra, fazia ponte, tudo com pedaço de bateria de automóvel cortada, porque estavam fazendo a Rio-Bahia. Brincava de pegar besouro, botar besouro na mão, para que o besouro ficasse fazendo coceguinhas, era muito gostoso isso. E depois amarrar a caixinha no besouro para ele puxar, botando peso dentro para ver se ele conseguia puxar. O besouro tem uma força incrível. Até conto a história no Meninos Morenos, que nós arranjamos um besouro com chifrinhos assim, e fomos botando birosca, bola de gude, eram biroschas dentro da caixinha de fósforo, ele puxou a caixa de sapato esse besouro. Então eu dei o meu goleiro para ele – goleiro era uma caixa de fósforo beija-flor, que era mais alta do que a outra, cheia de chumbo do jogo de botão –, e aí o diabo do besouro puxou a caixinha.

Em Os Meninos Morenos tem muitas histórias que eu resgatei assim (odeio a palavra resgatar...) Mas juntar e escrever mesmo tudo assim é muito interessante. Os tipos que eu conheci, as músicas que a gente cantava e tal, por isso que Caratinga é tão forte. Outro dia eu recebi umas fotos de Caratinga... eu fiquei tão emocionado, rapaz, mas tão emocionado!

A fábula e a flauta na Floresta Amazônica: Yaguarê Yamã

A minha infância é muito bonita. Eu escrevi um livro que se chama Kuruminguaré, Infância de Curumim, Infância no Coração da Amazônia, que é desse tempo. Quando eu dou palestra para as crianças, elas ficam muito interessadas nessas coisas e pedem: “Quando que você vai escrever um livro que fale sobre a tua infância?” E a minha infância foi cheia de aventuras. Por exemplo, o que mais a gente fazia era ir para o mato, para a floresta e fazer nossas aventuras mirins, aventuras de pequenos. E nossos pais tinham certeza de que a gente estaria bem, porque lá a gente se habitua a ouvir os nossos pais e tudo que passam para a gente; a gente tenta seguir os conselhos e, dessa maneira, eles tinham certeza de que a gente estaria bem. Uma lei da natureza: você vai por um caminho e, quando você voltar, você não volta pelo mesmo caminho, você volta por outro, porque isso é uma lei da natureza.

O meu pai, para mim, e acho que para muita gente do meu povo, foi o maior contador de histórias que já existiu. Ele já é falecido e eu tenho um livro chamado O Caçador de Histórias, que é em homenagem a ele. E todas as histórias fantásticas, de aventura e de medo, que ele contava estão nesse livro, e isso é um grande orgulho, que eu pude fazer em homenagem ao meu pai. Quando chegava lá pelas três da tarde, o que ele mais gostava de fazer era arranjar um tempo para contar histórias para a gente, aí ele pegava um banquinho, sentava no meio do terreiro, aí ele pegava uma flauta e começava a tocar. Aquilo chamava a atenção da gente, porque a gente estava por aí brincando, rindo, e de repente a gente via o papai e já sabia, a gente corria para lá também. Ele não chamava ninguém, apenas fazia isso e isso já era o chamado.

Eu tinha um irmão caçula, menorzinho que eu, e aí ele sentava no colo do meu pai e ele tocava, aí todo mundo vinha e se juntava ao redor dele e começava a ouvir, como se fosse colocar um suspense, colocar uma apresentação, alguma coisa assim; ele respirava fundo e mergulhava nas histórias. Era um portal de entrada para um mundo mágico, onde os animais fantásticos falam entre si. E nessas histórias, com certeza, a gente acabava aprendendo as coisas, porque fábula é isso, acho que para vocês também: serve para a gente aprender lições de vida.



Transplante de menina: Tatiana Belinky

Eu estive lá quando fui de turista. Na capa do meu livro Transplante de Menina diz: da Rua dos Navios pra Rua Jaguaribe. Era na Rua dos Navios. Me lembro e posso até fazer uma planta baixa do apartamento. Tinha três quartos, sendo que um era o escritório do meu pai, um era o quarto das crianças – meu e dos meus irmãos – e um era o dormitório dos meus pais, com uma porta dupla. Lá meu pai pendurou um balanço, a gente se balançava lá, entre meu quarto e o quarto dos pais, e a gente balançava até bater no teto; depois tinha a sala de jantar grande e todas as coisas necessárias, banheiro, cozinha etc. Era um bom apartamento. A janela pra fora dava para o rio, com três pontes... Me lembro tão bem como se fosse hoje. Também, com dez anos, era uma menina grande. O apartamento tinha um pé direito alto.

A memória de outros livros: Ricardo Azevedo

Meu pai recebia uma revista de intercâmbio cultural Brasil e Alemanha chamada Revista Humboldt – fantástica a revista. Nessa revista, os textos de autores de língua alemã, tanto alemães como os suíços, e coisas do gênero, eram traduzidos pro português, e textos de autores maravilhosos, tanto portugueses como o Fernando Pessoa, por exemplo, como Carlos Drummond de Andrade, Murilo Mendes, eram traduzidos pro alemão. E tinha artigos também, sobre artes, uma revista extraordinária, com uma fotografia de artistas, com obras. E eu nunca tinha visto, aquilo pra mim era maravilhoso; expressionistas alemães muito bacanas, que eu não conhecia.

Isso foi antes de entrar na faculdade. Bem antes, uns três, quatro anos antes. Como eu era um cara já ligado a essa coisa de artes, de texto e tal, meu pai dava uma olhada e dava a revista pra mim, que meu pai era geógrafo. Então, ele dava uma olhada geral, mas não era a área dele aquilo. Mas era a minha. Ele sabia que eu gostava. E uma vez numa dessas revistas que, aliás, várias eu tenho até hoje guardadas, e eu tenho essa, especificamente, que essa foi muito marcante pra mim, tinha lá: “Três Contos para Crianças”, de um autor chamado Peter Bischel, que, depois, eu vim a saber que ele era um autor suíço e que só tem um livro pra crianças, que é esse, que se chama Contos Infantis, e que, na verdade, são sete contos. Eu adorei ler esses contos, eu achei esses contos maravilhosos, muito interessantes. Primeiro, porque eram pra crianças e não eram. Eram contos que tinham uma abrangência, qualquer pessoa lê aquilo e se interessa. É muito interessante a linguagem do cara, a abordagem dele, interessantíssima. Eu fiquei fascinado com aquilo. Eu lembro que eu fiz um trabalho de escola no Porto Seguro e lemos. Eu fiz uma trilha sonora, lemos um dos contos do cara, eu fiquei fascinado com aquilo. Eu falei: “Pô, eu vou escrever um conto.”

Eu fiquei com vontade de escrever uma história, e a história que eu escrevi é O Homem no Sótão, livro que eu publiquei com 32 anos de idade, muitos anos depois. Eu tenho até hoje esse original, escrito à máquina, que eu escrevi com uns 17, 18 anos após a leitura do Peter Bischel. Na verdade, não tem nada a ver com Bischel, mas pra mim tem, dentro de mim tem. Eu pude escrever aquela história porque eu li o Bischel, e aquilo mexeu comigo de alguma forma e me emocionou. O patamar que ele escrevia era um patamar que me interessou muito, e eu escrevi essa história.

Recontar

Veja como os editores do site Memórias da Literatura Infantil e Juvenil apresentaram a autora Heloísa Prieto, recontando sua história de vida em textos que têm voz própria, em que o estilo dá o tom da mensagem:

Baiano com espanhol é uma mistura apimentada. Imagine só a cena: Lampião comendo uma paella! Era mais ou menos o que acontecia na casa de Heloísa Prieto. Baianos se refestelando no tempero espanhol, e vice-versa.

Com tais ascendentes, ela só podia mesmo virar menina rebelde, quente, que só sentava se fosse para galopar um cavalo. Junto com seu primo Dinho, o grande amigo de infância, disputava corridas fenomenais, e levava tombos igualmente fantásticos. Mas aprendeu que não devia chorar, que depois da queda o certo era bater a poeira e sentar no galope novamente.

Para a época, Heloísa agia como um menino: era travessa e moleca. Preferia a liberdade despreocupada ao asseio e aos bons costumes das moças de então. Sua tia Lúcia era a única que conseguia incutir na menina levada um toque de feminilidade, dando-lhe banho de leite de rosas e exaltando sua beleza.

Heloísa então cresceu fazendo o que quis. E uma das coisas de que mais gostava era ouvir histórias. Ouvia as histórias da empregada, que havia vindo da Bahia; ouvia as histórias de sua babá japonesa em português atrapalhado; ouvia histórias de sua mãe e sobre a gripe espanhola. Também lia, gostava de Monteiro Lobato e das aventuras do Sítio do Picapau Amarelo.

De tanto viver e ouvir histórias, resolveu escrevê-las. As boas redações do colégio encaminharam Heloísa Prieto na carreira de escritora. Escrevendo profissionalmente, usou seu acervo de temas e aventuras da sua infância. Em diversos livros, lembrou as boas histórias e personagens da sua memória afetiva, como A Fazenda do Meu Avô, Dragões Negros, As Estrelas se Divertem e Panela da Paz.

Por fim, a menina de sangue quente, que só sentava se fosse no lombo de cavalo galopante, descobriu o prazer do silêncio, daquilo que era o completo oposto da sua casa. E aprendeu a se concentrar por horas a fio diante das histórias que inventa.

Você pode exercitar a atividade de reconto com seus alunos e ampliar as possibilidades de leitura de um livro.

Por exemplo: se você escolher trabalhar com uma obra de Ana Maria Machado (como *Bisa Bia, Bisa Bel*), acesse o site Memórias da Literatura Infantil e Juvenil e escolha os trechos da entrevista de Ana Maria que lhe parecerem mais interessantes. Ou, se for possível, leve os alunos à sala de informática para navegar pelo site.

A turma pode se organizar em grupos para escrever um novo texto a partir da leitura dos trechos da entrevista. Enfatize que eles podem ser criativos e usar suas próprias palavras para recontar as experiências de vida da autora ou do autor.



Bibliografia

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura infantil – Teoria, análise, didática*. São Paulo: Editora Moderna, 2000.

COLOMER, Teresa. *A formação do leitor literário: narrativa infantil e juvenil atual*. São Paulo: Global Editora, 2003.

———. *Andar entre livros*. São Paulo: Global Editora, 2007.

FUNDAÇÃO ABRINQ; CITIGROUP. *Biblioteca viva – Fazendo história com livros e leituras*. São Paulo, 2004. (Coleção Dá para Resolver)

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira: história e histórias*. São Paulo: Editora Ática, 2003.

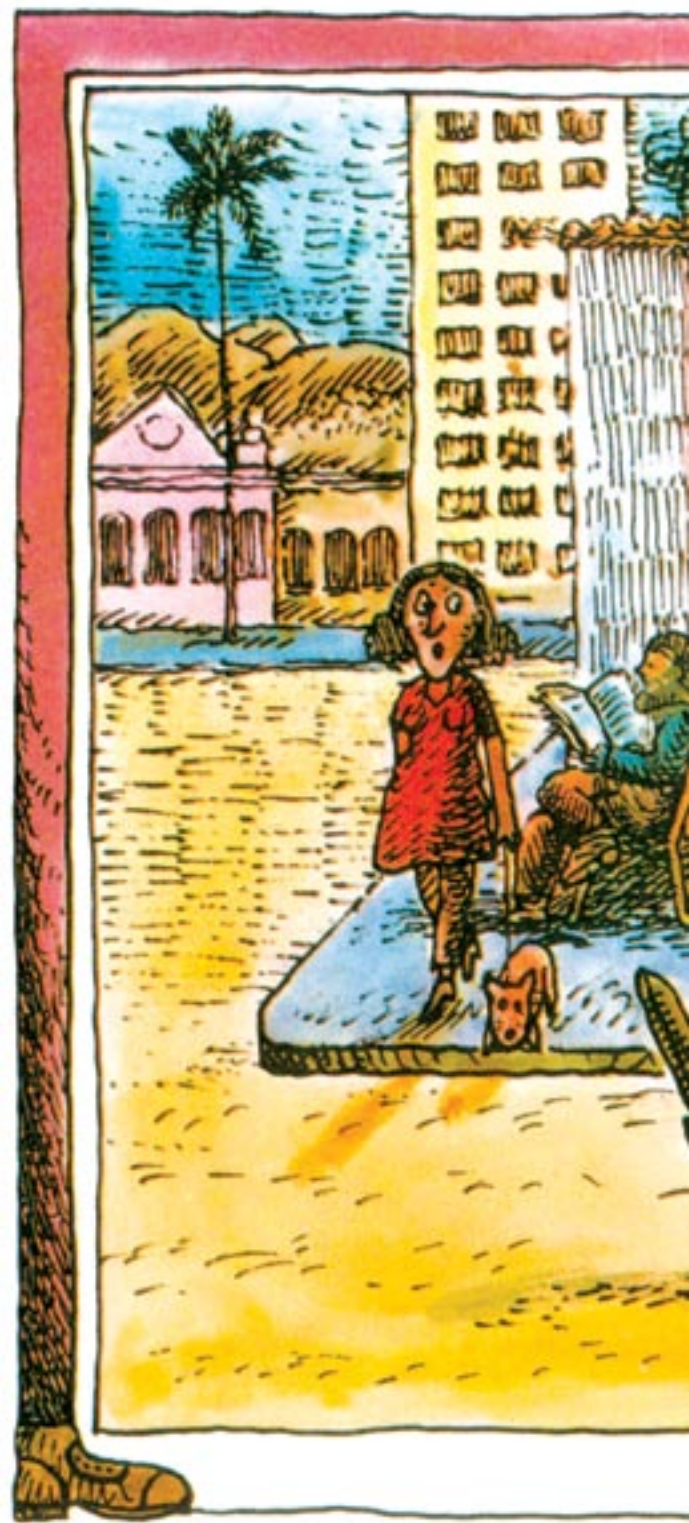
MANGUEL, Alberto. *Biblioteca à noite*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

PETIT, Michele. *Lecturas: del espacio íntimo al espacio público*. México: Fondo de Cultura BR, 2001.

Sites consultados

www.ricardoazevedo.com.br

www.youtube.com (Programa “Café con Libros”, especial Alberto Manguel)





Memórias da Literatura Infantil e Juvenil – Edição do Educador

Coordenação

Sônia London

Autoras

Ana Carolina Carvalho

Ana Paula Severiano

Consultoria

Luiz Percival Leme Brito

Projeto gráfico

Fonte Design

Ilustrações gentilmente cedidas por

Gian Calvi

Preparação de texto

Heci Regina Candiani

Revisão de texto

Sílvia Balderama

Projeto Memórias da Literatura Infantil e Juvenil

Coordenação geral

José Santos

Coordenação de pesquisa

Thiago Majolo

Pesquisa e redação

Lícia M. P. de Almeida

Consultor

Luiz Percival Leme Brito

Coordenação de audiovisual

Eduardo Barros

Captação de imagens

Gabriel Monteiro

Adilson Lima

Rodrigo Costa

Edição de vídeos

Thiago Belotto

Produção executiva

Sérgio Miletto

Marta Delellis

Consultoria especial

Claudio Fragata

Fanny Abramovich

Revisão

Guilherme Salgado Rocha

Programação do site

ProcessMind

Design do site

Pipol

Museu da Pessoa

Direção

Karen Worcman

Márcia Ruiz

José Santos

Ely Harasawa

Programa de Acervo

Rosali Henriques

Programa de Formação

Sônia London

Programa de Memória Institucional

Cláudia Fonseca

Programa Conte Sua História

Eduardo Barros

Sustentabilidade

Pedro Corradino

Contato

Museu da Pessoa

Rua Natingui, 1.100

Vila Madalena, São Paulo, SP

Tel.: (11) 2144-7150

www.museudapessoa.net





